

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

Luiza Badra de Albuquerque Maranhão

**Proposta de edição artesanal e resgate de memória: *Vitória Régia e Esteira de Emoções*,
de Maria José Garcia**

São Paulo
2023

Luiza Badra de Albuquerque Maranhão

**Proposta de edição artesanal e resgate de memória: *Vitória Régia e Esteira de Emoções*,
de Maria José Garcia**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado
ao Departamento de Jornalismo e Editoração da
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Bacharel em Comunicação Social com
habilitação em Editoração.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Guimarães

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Maranhão, Luiza Badra de Albuquerque
Proposta de edição artesanal e resgate de memória:
Vitória Régia e Esteira de Emoções, de Maria José Garcia
/ Luiza Badra de Albuquerque Maranhão; orientador,
Luciano Guimarães. - São Paulo, 2023.
84 p.: il. + inclui livro físico.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Edição artesanal. 2. Resgate de memórias. 3. Livro
de poemas. I. Guimarães, Luciano. II. Título.

CDD 21.ed. -
070.5

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Luiza Badra de Albuquerque Maranhão

Título: Proposta de edição artesanal e resgate de memória: *Vitória Régia e Esteira de Emoções*, de Maria José Garcia

Aprovada em: 14/12/2023

Banca:

Nome: Liliana Pardini Garcia dos Santos

Instituição: A Casa Tombada

Nome: Luciano Guimarães

Instituição: Escola de Comunicações e Artes (ECA)

Nome: Paulo Nascimento Verano

Instituição: Escola de Comunicações e Artes (ECA)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre investiram na minha educação, incentivaram leituras em nossa casa, estimularam a minha criatividade e tanto mais que contribuiu para eu me tornar a pessoa que sou hoje, além de sempre apoarem minhas ideias e me confortarem quando não acreditei em mim mesma. Obrigada, sempre.

Ao Fernando, pelas ideias, apoio e por toda a ajuda. Por me incentivar, por contribuir para eu ser a minha melhor versão e pelo carinho de sempre. Estar com você é um privilégio sem tamanho.

Aos meus amigos, eu não estaria aqui se não fosse por cada um de vocês. Obrigada pelas trocas, risadas, apoio e companheirismo.

À Amanda, muitíssimo obrigada por toda a ajuda e apoio durante esse processo.

Aos meus colegas de trabalho, que acompanharam esse projeto me incentivando e apoiando.

Ao Ronaldo, por todo conhecimento compartilhado e auxílio. A nossa Olivetti ganhou vida nova graças a você.

Aos meus professores, que contribuíram para eu me tornar a profissional que sou hoje, ao Luciano Guimarães pela orientação e especialmente ao Paulo Verano, por mostrar que o mundo editorial pode ser tão mais do que eu inicialmente imaginava.

À Mag, por toda troca e ajuda nesse processo. Fico honrada de poder contar a história da sua mãe, que, no fim das contas, também é parte da sua história.

E por fim, à Maria José Garcia, minha bisavó, pelas palavras. É uma alegria poder celebrar sua história através dessa humilde edição.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma proposta de reedição dos livros *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções*, escritos por Maria José Garcia, bisavó da autora deste projeto. Os livros de poemas narram acontecimentos da vida da autora, todos com muito sentimentalismo, apresentando parte de sua história e trajetória. A nova proposta de edição, artesanal e experimental, busca trazer elementos que remetem à vida de Maria José, fazendo assim um resgate de memória através da própria edição do livro. Foi feito uma recuperação de edições passadas existentes, escolha para o texto-base do projeto, transcrição e normalização deste texto, bem como seleção de imagens, elaboração do projeto, impressão e encadernação do objeto livro. Neste trabalho há explicações para as motivações das escolhas tomadas ao longo da edição, descrições das respectivas escolhas e um contexto detalhado da vida da autora que surgiu de uma pesquisa, permitindo compreender melhor os acontecimentos de vida que são narrados ao longo dos poemas. O projeto resultou também em exemplares físicos da reedição dos livros *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções* produzidos manualmente.

Palavras-chave: Livro artesanal; Encadernação; Livro de poesias; Resgate de memória.

ABSTRACT

This final paper presents a proposal for a new edition of the books *Vitória Régia* and *Esteira de Emoções*, written by Maria José Garcia, great-grandmother of the author of this project. The books of poems narrate events in the author's life, all with a lot of sentimentalism, depicting part of her story and trajectory. The new edition, artisanal and experimental, intends to portray elements that refer to Maria José's life, therefore preserving her memories through the book's edition. A recovery of existing past editions was carried out, the base text for the project was chosen, then a transcription and normalization of this text, as well as the selection of images, project preparation, printing and binding of the book was made. In this paper there are explanations for the motivations for the choices made throughout the edition, descriptions of the respective choices and a detailed context of Maria José's life. All of which emerged from research, allowing a better understanding of the life events that are narrated throughout the poems. The project also resulted in physical copies of the new edition of the books *Vitória Régia* and *Esteira de Emoções* produced entirely by hand.

Keywords: Handmade book; Book binding; Poetry book; Memory preservation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Formatura do curso normalista de 1941	3
Figura 2 – Nota de aniversário de Maria José Garcia no jornal	4
Figura 3 – Matéria sobre promoção de Edgard a major	5
Figura 4 – Despedida de Edgard em Corumbá	6
Figura 5 – Matéria de jornal sobre o lançamento de Vitória Régia	7
Figura 6 – Maria José posa com seu copo de uísque	9
Figura 7 – Capa da primeira edição do livro Vitória Régia	12
Figura 8 – Miolo da primeira edição do livro Vitória Régia	12
Figura 9 – Poema “...E ele foi” com anotação da autora	13
Figura 10 – Capa da última edição impressa de Vitória Régia e Esteira de Emoções	14
Figura 11 – Poema “O teu retrato” na última edição impressa do livro Vitória Régia	15
Figura 12 – Demonstração da encadernação francesa	27
Figura 13 – Maria José Garcia e a tampa de sua Hermes Baby	28
Figura 14 – Amostra de famílias tipográficas em máquinas de escrever	29
Figura 15 – Maria José e sua máquina de escrever na Folha do Norte	30
Figura 16 – Tipografia Olivetti Linea 88	31
Figura 17 – Remington Model 6	32
Figura 18 – Sala Cultural de Ronaldo	32
Figura 19 – Fotografia de Maria José com legenda em Hermes Baby cursiva	34
Figura 20 – Tipografia Hermes Baby cursiva	35
Figura 21 – Hermes Baby com papel datilografado por Ronaldo	35
Figura 22 – Luiza e Ronaldo	36
Figura 23 – Espelho do livro Vitória Régia	38
Figura 24 – Espelho do livro Esteira de Emoções	39
Figura 25 – Página de rosto do livro Vitória Régia	41
Figura 26 – Dupla de poemas do livro Vitória Régia	41
Figura 27 – Título da seção “Encarte Familiar”	42
Figura 28 – Capa do livro Vitória Régia	43

Figura 29 – Capa do livro <i>Vitória Régia</i>	43
Figura 30 – Primeira dupla de imagens presente no miolo do livro	45
Figura 31 – Segunda dupla de imagens presente no miolo do livro	46
Figura 32 – Assinatura de Anazildo Ribeiro no poema “ <i>Vitória Régia do meu lago</i> ”	46
Figura 33 – Maria José com Flor do Natal	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. DIMENSÃO PROJETUAL	2
1.1. Sobre a autora	2
1.2. Sobre os livros	10
1.2.1. Temáticas e estrutura dos livros	10
1.2.2. Edições existentes	11
1.3. Importância	15
1.4. Perfil do leitor	17
2. DIMENSÃO TEXTUAL	18
2.1. Transcrição diplomática e edição fidedigna e modernizada do texto	18
2.2. Decisões editoriais	20
3. DIMENSÃO MATERIAL	23
3.1. Motivações	23
3.2. O projeto	25
4. DIMENSÃO TIPOGRÁFICA	28
5. DIMENSÃO TOPOGRÁFICA	37
5.1. Espelho	37
5.2. Miolo	39
5.3. Capa	42
6. DIMENSÃO ICONOGRÁFICA	44
7. DIMENSÃO CROMÁTICA	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MAGNÓLIA VIGNY	55

INTRODUÇÃO

Maria José da Silva Garcia nasceu no dia 6 de julho de 1923, em Belém do Pará. Apesar da infância pobre, a educação era muito valorizada por ela, que desde criança se interessava pela escola. Formou-se normalista e exerceu a profissão de professora. Trabalhou também na *Folha do Norte*, onde pôde desenvolver suas habilidades de escrita. Nessa época, já era poetisa e, mais tarde, publicou seu primeiro livro, *Vitória Régia*, pela Sociedade Cultural e Artística Brasileira. Depois, escreveu também *Esteira de Emoções*.

O seguinte projeto apresenta uma proposta de reedição dos livros *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções*, escritos por Maria José Garcia. Em ambos os livros, a autora narra, através de poemas, causos de sua vida. No primeiro, a autora relata sobre suas experiências desde os anos em que era normalista, o início da vida adulta, como ela e seu companheiro se conheceram e a relação dos dois até o fim. Já no segundo, Maria José relata sobre sua vida após a morte de seu companheiro. Entre causos amorosos e sentimentos intensos, os livros revelam muito sobre a vida de uma mulher nascida nos anos 1920.

A nova proposta de edição do livro, artesanal e experimental, busca resgatar a memória da vida de Maria José Garcia, bisavó da autora deste trabalho. Esse resgate se dá tanto pela reedição do texto, quanto pelas escolhas editoriais do projeto, como a tipografia, as imagens e o tipo de encadernação, por exemplo. Além disso, este projeto também tem como objetivo uma abrangência prática do fazer editorial, através de experimentação gráfica e encadernação manual.

Dessa forma, o presente trabalho descreve todo o processo de elaboração deste projeto, desde o resgate dos livros e a escolha do texto-base, a transcrição diplomática e o detalhamento das escolhas tomadas na edição crítica, até o relato de confecção do livro, partindo da datilografia dos poemas, diagramação, escolha das imagens, impressão e encadernação, além da descrição de um contexto mais detalhado sobre a vida da autora e as motivações de cada decisão.

1. DIMENSÃO PROJETUAL

1.1. Sobre a autora

Maria José da Silva Garcia nasceu no dia 6 de julho de 1923, em Belém do Pará. Era conhecida como Zezé entre amigos e familiares, e quando se apresentava nunca usava o sobrenome “da Silva”, era apenas Maria José Garcia. Durante a infância, viveu no bairro do Umarizal, um bairro popular e residencial no século XX, mas que sofreu muitas alterações nas últimas décadas e, atualmente, se tornou um dos bairros mais nobres da cidade.

Este bairro de classe média, na maioria das décadas do XX se caracterizou por ser um bairro de feijão popular, habitado pelas camadas pobres da sociedade belemense, cujo cotidiano foi marcado em tempos pretéritos pela significativa presença de negros que imprimiram suas marcas neste espaço urbano com suas cores, seus costumes, suas festas e tradições religiosas (Rodrigues, 2013, p. 6).

A família de Maria José Garcia era justamente uma das famílias pobres que viviam neste bairro no século XX em Belém. Magnólia Vigny, filha de Maria José, confirma essa informação em entrevista realizada em 2022. Ela disse que a família era simples, que eles viviam em uma casa e dormiam em redes. Uma moradora do bairro do Umarizal, Oscarina Benedita Caripunas, também conhecida como Dina, que nasceu em 1933, exatamente 10 anos depois de Maria José Garcia, também comenta sobre as antigas moradias: “Era tudo barraco, cobertos de palha, aqui então nesse pedaço uma porção de quartinhos cobertos com lona, palha, madeira, a nossa era coberta de palha, não era nada de alvenaria.” (Caripunas apud Rodrigues, 2013, p. 7).

Por lá corria o Igarapé das Almas, que “[...] fazia a alegria das lavadeiras que exploravam o manancial no seu ofício de lavar roupas, estendendo as peças sobre o capinzal do igarapé.” (Rodrigues, 2013, p. 5). Oscarina diz que lembra-se do Igarapé das Almas como espaço comercial e também de onde iam e vinham as canoas (Caripunas apud Rodrigues, 2013).

Sobre os pais de Maria José, sabe-se que o pai, Godofredo Lopes Garcia, era espanhol e a mãe, Izaura Paula da Silva Garcia, sertaneja. Magnólia relata:

[...] ela falava mais do pai dela, parece que era uma ótima pessoa, ela falava com muito carinho do pai. A mãe já era sertaneja, sabe? Dura assim... Eu conheci muito pouco minha avó. Mas ela [Maria José] parecia ser muito ligada com o pai dela, que era espanhol, aliás, o meu avô. E ela dizia que ele era uma pessoa boníssima, ela gostava muito dele (Vigny, 2022).

Maria José esforçava-se na escola e desde cedo se interessava pelos livros: “Sete anos... a idade da razão. / Dois amigos: o livro e o cão.” (Garcia, S. d.b, p. 76). Formou-se no

curso normal e, dessa forma, pôde exercer a profissão de professora, talvez podendo, assim, ajudar a família.

O curso normal é predominantemente feminino (os meninos representam menos de 20%). Os estudantes, quase sempre de famílias de baixa renda, o encaram como uma porta de acesso ao mercado de trabalho para ajudar no sustento da família e custear a faculdade. Até os anos 1960, o curso normal também atraía moças da elite e da classe média alta. A atriz Marieta Severo foi normalista. Ser professora era uma das poucas profissões permitidas às “moças de família” (Lobato, 2023).

Figura 1 – Formatura do curso normalista de 1941



Matéria de jornal sobre formatura do curso normalista da Escola Normal do Pará de 1941.

Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, 1941.

No entanto, além de professora, Maria José trabalhou também na *Folha do Norte*, jornal de Belém do Pará. Sabe-se que nessa época já escrevia seus poemas, comprovado pela matéria de jornal abaixo e também pelos próprios poemas do livro *Vitória Régia*. O primeiro poema do livro, “O teu retrato”, por exemplo, data de 1940, época em que ainda era estudante do curso normal.

Figura 2 – Nota de aniversário de Maria José Garcia no jornal



Nota do dia 6 de julho de 1945 que comenta sobre Maria José Garcia ser poetisa e trabalhar na *Folha do Norte*.

Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, 1945.

Em entrevista, Magnólia conta que sua mãe, Maria José Garcia, e seu pai, Edgard de Albuquerque Maranhão, se conheceram quando Maria José trabalhava no jornal. Ele era exatamente 20 anos mais velho que ela. Inclusive, o início da relação também é relatado em um poema do livro *Vitória Régia*, "...E ele veio". Após se conhecerem, Edgard, que tinha

outra família, abandonou-a para ficar com Maria José. Por conta disso, foram embora de Belém do Pará para viverem juntos.

[...] ela dizia que foi aquela paixão e que aí resolveram vir embora porque ele era casado. Aliás, eu descobri quando eu fui para aí [Brasil] em abril, que eu vi a minha meia-irmã, que ele nem era casado com a mãe dela, a mãe dela já era a segunda, [ele] tinha tido uma outra [esposa] antes. Eu estava certa de que a mãe dela tinha sido a primeira oficial, e na realidade ela me disse: “Não, não, minha mãe já foi a segunda, com quem ele foi casado mesmo foi antes da minha mãe”, quer dizer, eu nem sei quem é. Era um homem mulherengo, o meu pai. Mas a minha mãe era apaixonadíssima por ele, e ele, pelo visto, também por ela. Eles foram embora e viveram muito bem juntos durante 20 anos, até ele morrer (Vigny, 2022).

Durante o tempo que permaneceram juntos, não chegaram a se casar, mas eram muito apaixonados um pelo outro. Tiveram dois filhos, Edgard e Magnólia, e se mudaram para diferentes estados ao longo da vida, Magnólia relata:

Quando eu nasci, nós moramos em Corumbá, eu sei que antes eles tinham morado em Campo Grande, ele foi comandante do quartel general em Campo Grande e depois foi Comandante em Corumbá. E nós fomos para São Paulo quando eu tinha cinco ou seis anos, eu acho, para morar em São Paulo (Vigny, 2022).

Edgard começou sua carreira como militar no Pará, como indicam os documentos do arquivo pessoal de Maria José:

Figura 3 – Matéria sobre promoção de Edgard a major



Matéria de jornal sobre a promoção de Edgard Maranhão a major.

Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, S. d.

Quando o casal se mudou para Campo Grande, Mato Grosso, Edgard continuou sua carreira militar nessa outra cidade, e o mesmo ocorreu quando se mudaram para Corumbá. Foi nessa época que os filhos do casal nasceram. Em 1946 nasceu Edgard de Albuquerque Maranhão Filho e em 1949 nasceu Magnólia de Albuquerque Maranhão. Não se sabe ao certo o ano de cada uma dessas mudanças; é possível que Edgard Filho tenha nascido quando o casal ainda morava em Campo Grande, mas, conforme relato de Magnólia destacado acima, eles moravam em Corumbá quando ela nasceu. No entanto, apesar de estarem morando em Mato Grosso, Maria José viajou para São Paulo para o nascimento de ambos os filhos: “Eu acho que ela tinha facilidade de viajar por ele ser do exército, tomava avião da Força Aérea. Ela foi para São Paulo, pro Edgard [Filho], [...] nascer e também para mim” (Vigny, 2022).

Foi em Corumbá onde Edgard se despediu do exército.

Figura 4 – Despedida de Edgard em Corumbá



Edgard de Albuquerque Maranhão deixa o comando do 17º Batalhão de Caçadores.
Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, S. d.

A família se mudou definitivamente para São Paulo quando os filhos ainda eram crianças. Na cidade, Edgard deixou a carreira militar e trabalhava como representante de fazendeiros do Mato Grosso: “[...] ele passou para a reserva e abriu um escritório. Chamava

‘escritório de representações’, quer dizer, ele fazia compras e representava os fazendeiros do Mato Grosso que ele tinha conhecido” (Vigny, 2022).

O casal permaneceu junto até o falecimento de Edgard, em 1961. Maria José tinha apenas 38 anos na época, enquanto Edgard Filho e Magnólia tinham 15 e 12 anos, respectivamente. Maria José comenta sobre a morte de seu companheiro em um dos últimos poemas do livro *Vitória Régia*, intitulado “...E ele foi”, que trata sobre os sentimentos da autora com o ocorrido.

Estima-se que o livro *Vitória Régia* tenha sido publicado ainda na década de 1960 pela editora da Sociedade Cultural e Artística Brasileira.

Figura 5 – Matéria de jornal sobre o lançamento de *Vitória Régia*



Matéria publicada na *Folha do Norte*, jornal em que Maria José trabalhou, sobre a publicação de seu primeiro livro, *Vitória Régia*.

Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, S. d.

Após a morte de seu companheiro, Maria José e os filhos continuaram morando em São Paulo, conforme lembranças de Magnólia: “Olha, quando era criança eu não tenho lembrança, [...] muito pouco, do prédio onde eu morava, morava perto da Avenida São João,

perto da Rua das Palmeiras [...]” (Vigny, 2022). Ela conta também sobre recordações que tem de sua mãe:

Eu até tava pensando, [Maria José] era uma mulher [...] muito aberta com os netos, desculpava tudo, não era rígida com nada. Eu vi isso até o fim dela, ela sempre foi meio avançada para a idade dela. Ela era muito alegre, era difícil ela realmente ficar brava com alguma coisa. Às vezes eu lembro que eu ficava meio irritada, porque ela parecia quase inconsequente, sabe? Tudo estava bom! Teve uns períodos em que a gente ficou sem dinheiro porque não pagou aluguel direito, mas não tem importância, a gente vai dar um jeito, sabe? [...] Então numa certa época pude me irritar um pouco com isso porque eu achava que tinha que ser mais séria na vida, mas todo mundo que conhecia ela gostava, meus amigos adoravam... (Vigny, 2022)

O livro *Esteira de Emoções* conta sobre o período da vida da autora após a morte de Edgard. Não se sabe muitos detalhes sobre os ocorridos que Maria José relata no livro, mas seus poemas ainda falam sobre sentimentos intensos e alguns novos casos amorosos. Supõe-se que o livro tenha sido escrito desde os anos 1960, após a morte do companheiro, até pelo menos os anos 1980, dado que o livro conta com um poema dedicado aos netos de Maria José nascidos entre as décadas de 1970 e 1980.

A partir daqui, as fontes sobre a vida de Maria José ficam mais escassas. Magnólia se mudou para a Suíça e tem menos lembranças da mãe, a não ser sobre as vezes em que Maria José foi visitá-la. Edgard de Albuquerque Maranhão Filho faleceu em 2022 e também não há tantos documentos guardados pela própria Maria José quanto havia da época anterior. No entanto, com relação a trabalho, sabe-se que Maria José exerceu diferentes profissões ao longo dos anos: trabalhou em uma imobiliária, foi vendedora do Círculo do Livro¹ e recepcionista do Clube Paulistano². Além disso, Magnólia, como filha de militar falecido, passou a receber pensão, dinheiro este que sustentou Maria José. Apenas a filha tinha direito à pensão, pois Maria José e Edgard nunca se casaram e filhos homens não tinham esse direito.

Maria José chegou a mudar-se para o Rio de Janeiro. A primeira vez que morou no Rio foi após a separação de seu filho Edgard com a sua, até então, esposa, segundo relato de Magnólia (2022). Uma das irmãs de Maria José, Iolanda, morava por lá. Magnólia comenta: “Ela gostava muito do Rio. Ela gostava por causa disso, ela gostava da praia, ela gostava de gente alegre. [...] Ela morou na Barra da Tijuca, ia pra praia todo dia [...]” (Vigny, 2022). Maria José voltou a São Paulo em 2000 por conta do nascimento de sua bisneta, Luiza. Após alguns anos na cidade, em meados dos anos 2000, retornou ao Rio de Janeiro, por onde ficou

¹ Foi uma editora criada em 1973. Funcionava como um clube em que os sócios recebiam catálogos periódicos com os lançamentos e podiam comprar os livros através de vendedores a domicílio (Cytrynowicz, 2012).

² Fundado em 1900 e denominado Club Athletico Paulistano, é um dos mais tradicionais centros culturais, esportivos e sociais de São Paulo. Ainda hoje promove diversos eventos como shows, exposições, cursos, entre outros (Apresentação, S. d.)

brevemente até sofrer um acidente e necessitar de cuidados médicos. Depois, passou a morar em Itararé, interior de São Paulo, com seu filho Edgard, até 2015, ano de seu falecimento.

Foi uma mulher religiosa e devota de Nossa Senhora de Nazaré, mas ainda assim tinha seus misticismos: fazia a própria leitura de tarô com seu método pessoal, utilizando cartas de baralho tradicionais. Também era devota de Iemanjá, orixá de religiões de matriz africana, e no Ano-Novo fazia questão de prestar sua homenagem, indo até o mar para levar flores. Ela gostava da boemia, saía à noite, ia a festas e bailes, adorava dançar e, com frequência, ia ao Clube Paulistano para os eventos sociais que ocorriam por lá. Adorava ouvir música e escutava seu rádio de pilha, levando-o pela casa inteira. Além disso, apreciava tomar uísque todas as noites; levava uma garrafa da bebida e seu longo copo para onde fosse e fazia seu próprio preparado: colocava uma dose do destilado e completava o restante do copo com água gelada.

Zezé tinha suas particularidades e era uma pessoa muito divertida e adorada por todos à sua volta, além de sempre ter alguma história para contar, desde casos dos seus anos de normalista até a história do grande amor de sua vida, Edgard.

Figura 6 – Maria José posa com seu copo de uísque



Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, S. d.

1.2. Sobre os livros

1.2.1. Temáticas e estrutura dos livros

Tanto o livro *Vitória Régia* quanto o *Esteira de Emoções* têm temáticas majoritariamente similares: o sentimentalismo da autora e suas relações. Ela trata, na maioria das vezes em ambos os livros, de relações amorosas. Há também alguns poemas que tratam de homenagens. No *Vitória Régia*, “Homenagem” é, como o título já diz, justamente uma homenagem ao professor e jornalista Paulo Maranhão. Há também “No álbum de Hugo Pontes” e “25 de janeiro”, homenagens a Hugo Pontes, um amigo, e à cidade de São Paulo. Nos poemas “Magnólia” e “Bendito sejas!”, a autora fala sobre seus filhos. Já o poema “O mundo recua...” trata sobre o momento histórico pelo qual o mundo estava passando, provavelmente em referência à Segunda Guerra Mundial, que iniciou em 1939 e terminou em 1945, justamente parte do período em que o livro foi escrito. Há também um poema que não foi escrito por Maria José, mas por Anazildo Ribeiro, e é uma homenagem à publicação do livro *Vitória Régia*, em que o autor integra os títulos dos poemas de *Vitória Régia* e um verso do poema “No álbum de Hugo Pontes” na composição dos versos.

O livro *Esteira de Emoções*, como já comentado anteriormente, trata da vida da autora após a morte de seu companheiro Edgard de Albuquerque Maranhão, ou seja, após 1961. O poema “Ressurreição” fala ainda sobre os efeitos desse acontecimento na vida dela; no entanto, a maioria dos outros poemas diz respeito a novas relações que a autora teve ao longo de sua vida. Além disso, esse livro possui também uma seção denominada “Encarte Familiar”, em que Maria José reuniu poemas dedicados à sua família e à sua cidade natal, Belém. *Esteira de Emoções* também conta com um poema denominado “Flor de pedra”, o último antes do “Encarte Familiar”. Aqui, a autora afirma: “[...] vou rememorando uma história semelhante à minha [...]”. As semelhanças com a própria vida, porém, são muitas e parece que a autora utilizou de um alter ego para contar a sua história, desde a infância até a sua vida naquele momento.

Uma questão que se nota rapidamente ao iniciar a leitura dos livros é que a grande maioria dos poemas é acompanhada de um texto curto antes mesmo do título. Esses textos dão algum contexto para o poema que se segue e o título do poema acaba complementando o pequeno parágrafo, como por exemplo: “Nas noites de lua, porém, voltava ao meu SONHO” (Garcia, S. d.b, p. 9), sendo a palavra “sonho” o título do poema. No poema “O meu castelo multicor” do livro *Vitória Régia*, além do pequeno texto antes do título, também há uma

continuação desse contexto após o fim da última estrofe, novamente para complementar o poema.

Pode-se dizer que os poemas têm forma fixa, porém há diferentes formas utilizadas ao longo dos dois livros. É possível encontrar sonetos como “A morte do rouxinol...” e “Vencida” do *Vitória Régia*, mas esse é apenas um exemplo de forma utilizada pela autora. Os poemas possuem rimas, mas, novamente, a forma das rimas varia e não há um único padrão seguido ao longo de todo o livro.

1.2.2. Edições existentes

Foram encontradas algumas versões de *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções*. A primeira edição impressa do livro *Vitória Régia*, foi publicada pela Sociedade Cultural e Artística Brasileira (S.C.A.B.) e não é datada, porém estima-se que tenha sido lançada em meados dos anos 1960. Na primeira orelha, há uma apresentação escrita pela presidente da S.C.A.B., Dylma Cunha de Oliveira³, que diz:

A S.C.A.B. Editora lança mais um livro de poemas femininos, o de Maria José Garcia. Sente-se na poesia de Maria José Garcia uma sensibilidade humana e extremamente feminil, que nos encanta a alma e comove o espírito. Sua poesia brota principalmente no coração, no amor do eternamente desaparecido, do ausente que a inspira e ilumina em cascatas de rimas, com expressões verdadeiramente poéticas. [...] A autora deste livro canta em sua poesia o amor à sua maneira pessoal, dando aos seus versos um sentido de realidade. Maria José Garcia, com *Vitória Régia*, seu primeiro livro, vem realçar com sua poesia a posição do livro feminino no plano intelectual do Brasil (Oliveira apud Garcia, S. d.a).

A edição possui uma capa ilustrada por uma artista que possivelmente se chama Romilda e mostra uma mulher nua com as mãos nos cabelos ajoelhada sobre uma vitória-régia. A cor que mais se destaca é o verde; o título, nome da autora e nome da possível artista estão escritos em caligrafia. Quando se abre o livro, o leitor se depara de cara com a página do poema “O teu retrato”, o primeiro do livro; não há nenhum tipo de página de olho, rosto ou créditos que antecedem o primeiro poema. No entanto, o número da página desse poema é sete, então é provável que as páginas pré-textuais tenham caído ou sido arrancadas do livro. Depois, o livro segue com a sequência de poemas até o final. Colado na terceira capa há um índice.

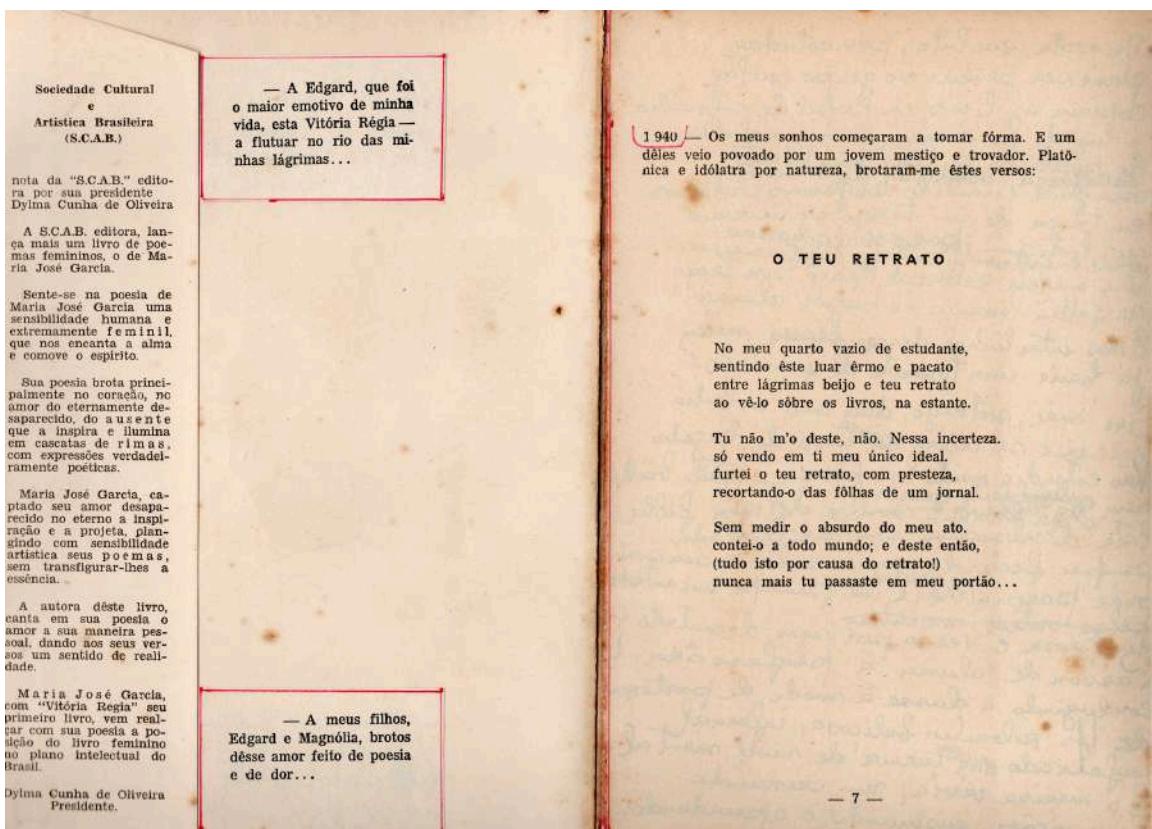
³ Dylma Cunha de Oliveira é filha do poeta Alarico da Cunha, que ocupou a cadeira 30 da Academia Maranhense de Letras (Alarico, S. d.). Ela foi jornalista (Dylma, S. d.) e presidente da S.C.A.B.

Figura 7 – Capa da primeira edição do livro *Vitória Régia*



Fonte: Garcia, S. d.a

Figura 8 – Miolo da primeira edição do livro *Vitória Régia*

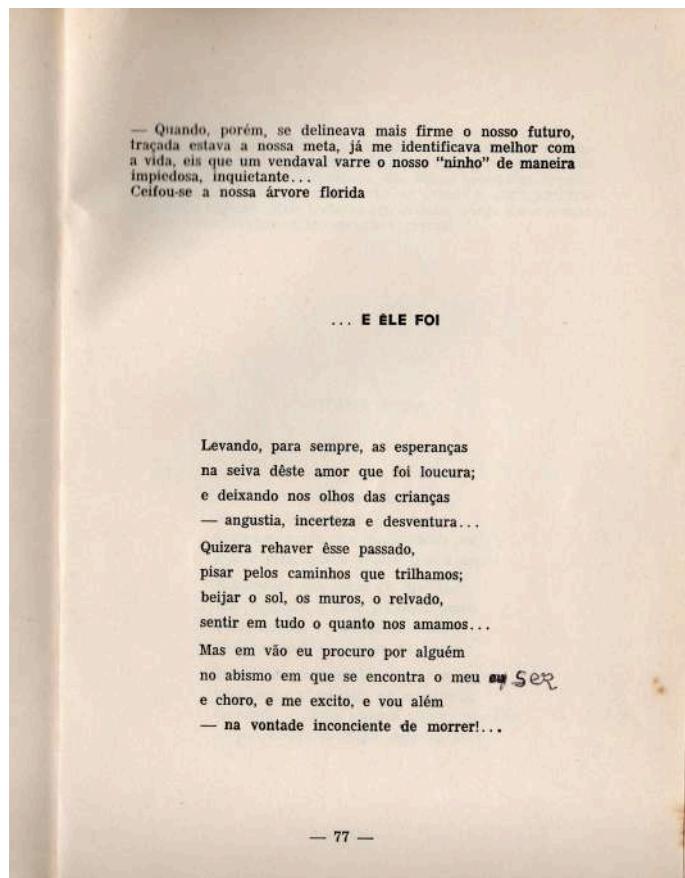


À esquerda, orelha e segunda capa do livro *Vitória Régia*, onde estão também as dedicatórias; à direita, primeira página do livro com o poema "O teu retrato".

Fonte: Garcia, S. d.a

A edição possui algumas poucas marcas de revisão da autora feitas à mão, como uma alteração em um verso do poema "...E ele foi". O verso original era: "no abismo em que se encontra o meu **eu**", e foi alterado para: "no abismo em que se encontra o meu **ser**", conforme comentário da autora. Essa alteração foi mantida ao longo das próximas edições que o livro adquiriu. Os poemas aparecem apenas nas páginas ímpares, as páginas pares estão em branco.

Figura 9 – Poema "...E ele foi" com anotação da autora

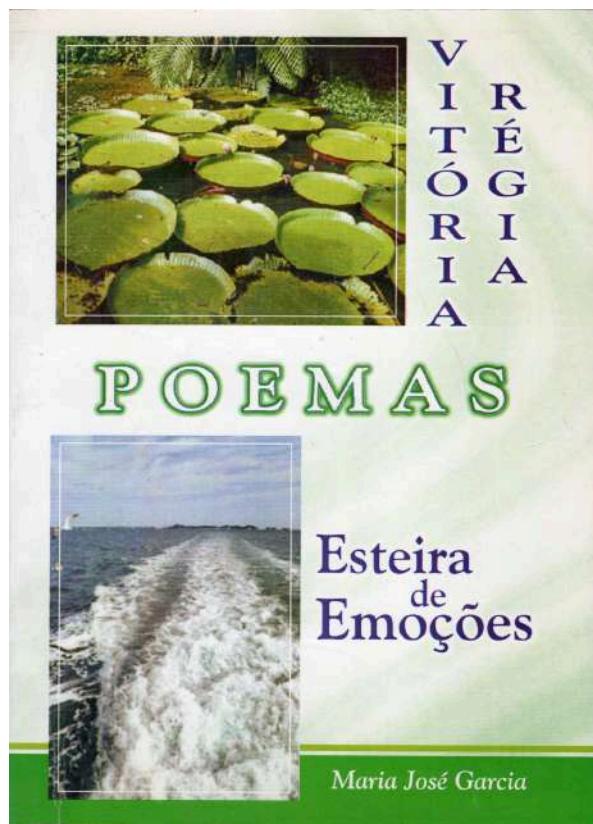


Fonte: Garcia, S. d.a

Há também uma versão do texto digitada e impressa em papel sulfite, A4, com encadernação espiral e capa de plástico, assim como uma versão digitada do livro *Esteira de Emoções*, impressa em papel sulfite, A4, sem encadernação. Na mesma pasta em que estão armazenadas as folhas impressas do *Esteira de Emoções*, há um disquete com uma etiqueta em que se lê: "Livro Vitória Régia Esteira de Emoções"; no entanto, o centro metálico no verso do disquete está enferrujado, impossibilitando a sua leitura.

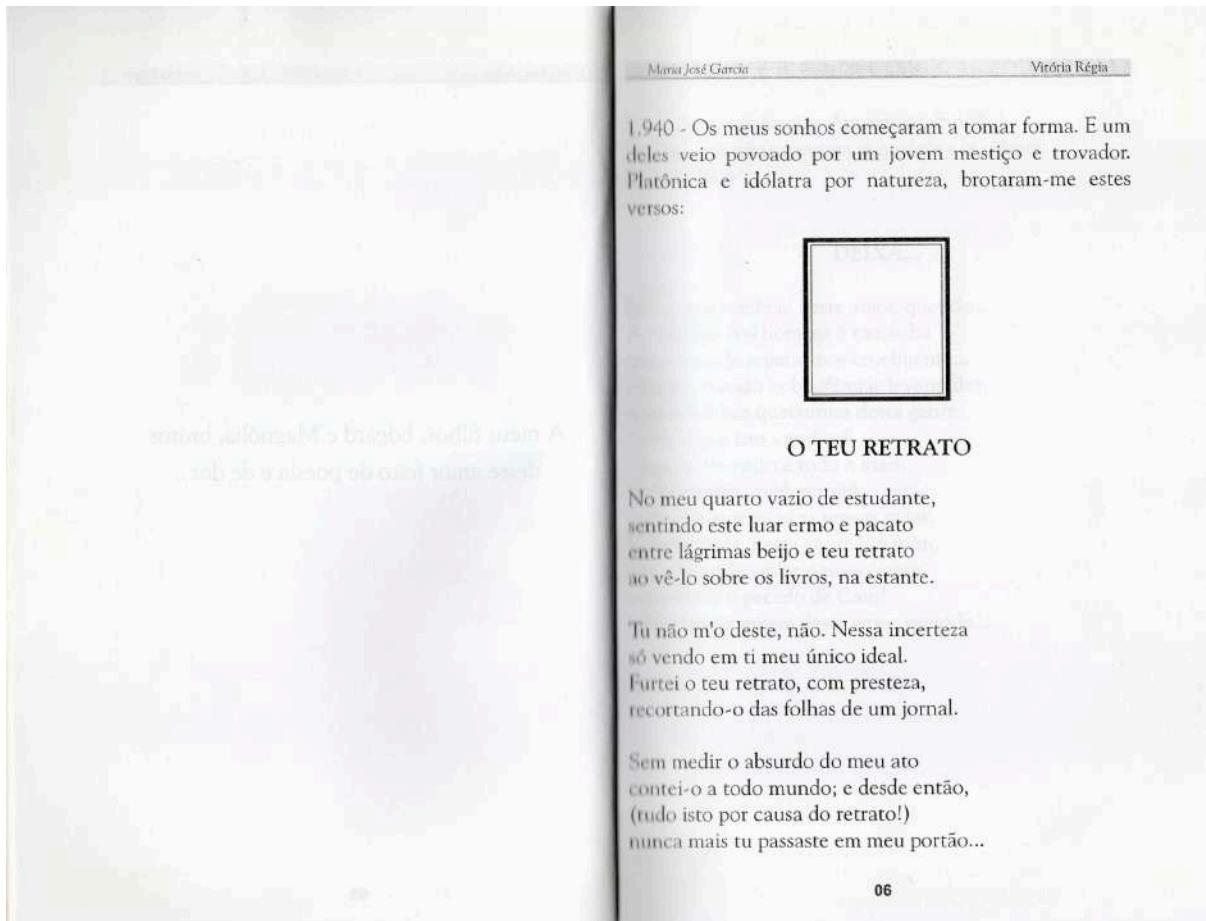
Por fim, existe uma edição impressa de ambos os livros em um único volume, que é a última disponível. A capa possui uma textura esverdeada de fundo, o título dos dois livros, o nome da autora e, bem ao centro, a palavra “poemas” encontra-se em destaque. A capa também conta com duas imagens que representam cada um dos livros: a primeira mostra diversas vitórias-réguas ao lado do título do livro *Vitória Régia*, e a segunda é uma imagem de uma esteira no mar formada por alguma embarcação que passou por ali, ao lado do título *Esteira de Emoções*. Essa edição foi impressa em meados dos anos 2000, possui folhas brancas e diagramação simples com texto em preto, numeração nas páginas e cabeçalho. Nas primeiras páginas, há o índice de ambos os livros e um tipo de folha de rosto antecede cada um dos livros. Assim como a primeira edição do livro, nessa edição o texto também foi impresso apenas nas páginas ímpares, todas as páginas pares estão em branco.

Figura 10 – Capa da última edição impressa de *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções*



Fonte: Garcia, S. d.b

Figura 11 – Poema “O teu retrato” na última edição impressa do livro *Vitória Régia*



Fonte: Garcia, S. d.b

1.3. Importância

Esse projeto surge de um desejo pessoal de resgatar os livros *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções* e entender o contexto por trás deles. Tomo aqui a liberdade de escrever em primeira pessoa, pois a importância desse projeto é muito pessoal para mim. Esse desejo vem, na verdade, de um lugar de bisneta. Maria José Garcia é minha bisavó, mãe do meu avô paterno. A última edição do livro, um único volume que continha os dois títulos citados acima, foi impressa quando eu era criança e tenho lembranças da minha mãe transcrevendo os poemas para um arquivo digital, trabalho que eu também fiz no desenvolvimento deste projeto. Me recordo da minha bisavó me perguntar se eu achava que ela deveria colocar um retrato na página do poema “O teu retrato” ou deixar uma moldura em branco para que cada um pudesse imaginar o seu próprio amor ou até mesmo criar uma imagem em suas mentes do amado a quem ela se referia no poema. Respondi que ela deveria deixar o espaço em branco, mas hoje me arrependo um pouco dessa escolha. Fico me perguntando qual imagem ela teria

escolhido para colocar naquele espaço. Após a impressão do livro, sempre havia alguns exemplares na minha casa, no trabalho da minha mãe e na casa de outros familiares... Lembro de presentear professoras e conhecidos com exemplares do livro. No entanto, apesar de todas essas lembranças, quando tentava ler os poemas, eu não os comprehendia; era muito nova para entender, na verdade. Além disso, desde que iniciei no curso de Editoração, havia a ideia de reeditar esse livro, pois eu acreditava que ele merecia uma edição mais cuidadosa.

Nesse sentido, o projeto vem como um resgate de memória familiar, trazendo para a superfície um livro que há tempos não era discutido, pois parece que há um consenso geral de que essa história já é conhecida no meu meio familiar. Contudo, é importante que esse livro e a história da família, tanto da minha bisavó, Maria José, quanto de outros antepassados, sejam relembradas e perpetuadas pelas novas gerações para que elas sempre saibam de onde vieram. Espero que com esse projeto meus familiares possam revisitar esse livro, se interessar novamente pela história de Maria José e possam reviver memórias que talvez estejam esquecidas.

Para além dessa importância mais pessoal e familiar, acredito que o resgate desse livro e da história da autora tenha uma importância geral, pois Maria José Garcia pode ser considerada uma mulher à frente de seu tempo. Magnólia comenta:

Ela gostava de cozinhar, gostava de costurar, mas ela sempre foi uma mulher independente, para frente, que achava que mulher tinha que estudar, entendeu? Acho que por isso que [...] eu não aprendi a fazer nada em casa de tanto que ela não queria que eu seguisse o modelo tradicional da mulher que fica em casa, sabe? Quer dizer, ela sempre foi muito avançada nesse sentido, aliás, o meu pai também. Porque meu pai, que atualmente teria 120 anos, quando eu era pequena ele dizia: essa menina um dia vai ser advogada. Você imagina, naquela época, achar que uma mulher podia ser advogada? Quer dizer, é porque já tinha uma mentalidade bem aberta, né? (Vigny, 2022).

Ela era muito independente e fazia o que tinha vontade, não se prendia a papéis sociais. Relacionou-se com um homem mais velho, casado, e saiu de casa para viver com ele, sem se importar com as normas da sociedade da época. Hoje em dia, essa independência pode parecer comum, mas é importante lembrar que quando Maria José nasceu, em 1923, as mulheres ainda não tinham direito ao voto, ele só foi conquistado no Brasil em 1932. Além disso, apenas em 1962 foi permitido que mulheres trabalhassem sem que precisassem de autorização do marido, por meio do Estatuto da Mulher Casada (Oliveira; Otto, 2023). Ou seja, durante o século XX, as mulheres ainda estavam conquistando direitos importantes, mas Maria José se diferenciava por sua mentalidade avançada para a época. Dessa forma, a importância do projeto vem também em resgatar a história de uma mulher nascida nos anos 1920 que se diferenciava nesses aspectos e que no ano de 2023 completaria o seu centenário.

1.4. Perfil do leitor

Para além do âmbito acadêmico em que este projeto está inserido, o livro foi pensado para um público familiar, que conhece Maria José Garcia, ou até amigos e conhecidos dos familiares. Da forma que foi desenvolvido para o presente trabalho, ele não foi planejado para ser publicado por uma editora ou lido por leitores que não tenham o contexto da vida de Maria José. Essa decisão foi importante para escolhas futuras tomadas durante a edição e que serão detalhadas mais à frente.

Comentando brevemente sobre isso, o livro não possui nenhum tipo de prefácio ou notas explicativas sobre qualquer elemento lá presente, o que poderia tornar a leitura desconexa para um leitor comum. Além disso, as imagens colocadas no miolo não tem nenhum tipo de legenda, mas são imediatamente reconhecíveis para a família de Maria José: se trata dos álbuns de fotos que ela fazia com colagens; seria considerado uma espécie de *scrapbook* nos dias de hoje.

De qualquer forma, é importante ter em mente que as decisões editoriais foram tomadas pensando nesse público leitor, um público que de alguma forma conhece a figura da autora.

2. DIMENSÃO TEXTUAL

2.1. Transcrição diplomática e edição fidedigna e modernizada do texto

A última edição impressa dos livros com a autora em vida foi a escolhida para ser o texto-base do projeto. Após a escolha do texto-base, foi feita uma transcrição diplomática, que consiste em transcrever o texto *ipsis litteris*, com a preservação da ortografia e dos erros presentes no livro, e pontuação exatamente igual ao original. Segismundo Spina (1977) define:

Reprodução diplomática. Esta consiste numa reprodução tipográfica do original manuscrito, como se fosse completa e perfeita cópia do mesmo, na grafia, nas abreviações, nas ligaduras, em todos os seus sinais e lacunas, inclusive nos erros e nas passagens estropiadas. A transcrição diplomática já implica uma interpretação do texto nos seus aspectos paleográficos (Spina, 1977, p. 78).

Finalizada essa etapa, foi realizada uma edição fidedigna e modernizada do texto. Nesse tipo de edição, caso se trate de um autor morto, o que é o caso deste projeto, o editor pode atualizar a ortografia, corrigir erros e intervir na pontuação, e foi exatamente o que foi feito. As alterações feitas foram mínimas, para que não comprometessem o sentido dos versos e poemas no geral ou até mesmo o estilo da autora. Esse tipo de edição também pode ser considerada uma edição crítica, como descrita por Spina (1977, p. 79), “[...] é a reprodução mais correta possível de um original, numa tentativa de alcançar com a maior fidelidade imaginável a última forma desejada pelo seu autor”. A edição crítica de Spina não prevê atualização da ortografia, mas, para além dessas definições, era importante que o texto se adequasse aos dias atuais, para não causar estranhamento ao leitor.

Sendo assim, a ortografia, em primeiro lugar, foi atualizada conforme o Novo Acordo Ortográfico. Havia no texto palavras com trema como “tranquila” e “eloquente” e algumas palavras acentuadas que perderam o acento no Novo Acordo, como “ideia” e “leu”. Erros ortográficos também foram corrigidos: “Caim” com ‘n’ ao invés de ‘m’, assim como “simum”; alteração de “traz” por “trás” na frase “E olhando para trás [...]” do poema “Vencida”, entre outros exemplos. Além disso, foi corrigido um erro conceitual no poema “O meu castelo multicor”. O poema dizia: “Daquela noite cálida de junho,/só ficou em minhalma sonhadora/recordações para as noites/que hão de vir...” (Garcia, S. d.b, p. 10). E depois: “Outras quadras passaram.../junho aproxima-se” (Garcia, S. d.b, p. 10). Porém, na realidade, o correto seria “julho aproxima-se”, por isso foi feita essa pequena correção no mês citado neste segundo verso.

Com relação ao termo “vitória-régia”, que pelo Acordo Ortográfico vigente deve ser escrito com hífen, preferiu-se manter o uso sem hífen no livro como licença poética da autora. A vitória-régia tem uma grande importância na vida de Maria José Garcia e também em seu livro homônimo, tanto que parece que a planta é quase como um personagem. Inclusive, além do livro em si, que carrega esse título, há também um poema intitulado “Vitória Régia” em que a autora se compara com a planta. No final desse poema, ela faz o uso da palavra com hífen, o único em todo livro. Todas as edições do livro apresentam a mesma situação, apenas esse uso da palavra com hífen, enquanto todas as outras aparições de vitória-régia vêm sem hífen; assim, pode-se supor que todos os usos da palavra foram propositais, com e sem hífen, por isso também a maioria das ocorrências de “vitória-régia” foram mantidas sem hífen, em respeito ao que ela havia escrito.

Foram feitas padronizações no livro, como o uso de caixa-alta-e-baixa no início dos versos de acordo com a pontuação que antecedeu aquele verso. Por exemplo, se o verso anterior termina em ponto final, reticências, ponto de exclamação ou interrogação, o verso seguinte iniciará em caixa-alta. Caso o verso termine em vírgula, dois pontos, ponto e vírgula ou sem nenhuma pontuação, o próximo verso iniciará em caixa-baixa. Esse padrão já era o utilizado na maioria dos poemas, porém, em *Esteira de Emoções*, alguns dos poemas iniciavam todos os versos em caixa alta. O único poema que foge desta regra é “No álbum de Hugo Pontes” pois a letra inicial de cada verso forma um acróstico com o nome do homenageado. Nomes de meses iniciam em caixa-baixa, a escrita dos anos passou a ser com quatro algarismos ao invés de dois em todas as suas ocorrências e todas as palavras e frases em língua estrangeira foram representadas entre aspas, por falta de outro recurso melhor para ser utilizado na máquina de escrever.

Ainda sobre aspas, o uso desse sinal gráfico foi repensado em alguns casos. O emprego das aspas em determinadas situações servia como um recurso para evidenciar que aquelas palavras estavam sendo usadas como expressões ou metáforas. No entanto, como afirma Plínio Martins Filho no livro *Manual de Editoração e Estilo*:

[...] é aconselhável estar alerta para o uso indevido ou excessivo das aspas, pois, por servirem para assinalar ironias, citações etc., numa gama bem ampla de situações, é fácil chegar ao exagero. A solução é, naqueles casos em que o emprego desse sinal gráfico é optativo, diversificar os critérios (Martins Filho, 2016, p. 598).

As aspas em palavras como “estaca zero” e “disponibilidade” no poema “A felicidade me procura” e “pororoca” no poema “Escrava”, entre outros exemplos, estavam gerando um uso excessivo e por isso escolheu-se por retirar as aspas nesses casos. Além do mais, metáforas foram utilizadas em outras situações nos livros sem a utilização desse recurso

gráfico, assim, não havia a necessidade da utilização do recurso em alguns casos e não em outros.

Também foram tomadas decisões em relação ao recurso gráfico utilizado no poema “Vitória Régia do meu lago”, de Anazildo Ribeiro. Conforme comentado anteriormente, o autor incluiu títulos do livro *Vitória Régia* e um verso do poema “No álbum de Hugo Pontes” ao longo dos versos de seu poema como forma de homenagem ao livro de Maria José. Para diferenciar esses títulos e verso, as palavras estavam destacadas com uso de aspas e sublinhado na última edição do livro. Para o texto datilografado, tanto o uso excessivo de aspas quanto o sublinhado seriam muito incômodos visualmente e tornariam o poema muito poluído, com excesso de recursos visuais e realces, por isso decidiu-se manter todas as palavras destacadas em caixa-alta na reedição. Como os títulos já aparecem em caixa-alta ao longo dessa nova edição do livro, essa pareceu ser a melhor opção para esse caso.

Houve algumas intervenções em pontuações, quando não se tratava de pontuação estilística. Retirada ou acréscimo de vírgula em algumas situações, ponto final, entre outros. Um tipo de pontuação incomum que aparece muito no livro é um ponto de exclamação seguido de reticências; por entender que esse tipo de pontuação é utilizado como estilo da autora, todas as ocorrências foram mantidas sem alterações.

Após a primeira revisão da edição fidedigna, foram feitos uma segunda revisão e dois cotejos, para garantir que nenhuma palavra ou trecho foram pulados ou estavam com erro de digitação. Em caso de dúvidas com relação à escrita de alguma palavra, eram consultados o dicionário *Houaiss Online*. Algumas palavras que não são usadas ultimamente com muita frequência foram escolhidas para continuarem da forma que estão, pois não representam um erro gramatical, “cousa” e “doirada” são exemplos. Após a limpeza de todos os arquivos, o texto estava pronto para a próxima etapa.

2.2. Decisões editoriais

Ao longo do processo de edição, foram tomadas algumas escolhas editoriais e houve também muita reflexão sobre o papel do editor. Primeiramente, com relação a questões um pouco mais simples, foram tomadas decisões relacionadas ao posicionamento de dois poemas, são eles: “Vitória Régia do meu lago” e “Flor de pedra”. O primeiro, que trata de uma homenagem de Anazildo Ribeiro ao livro *Vitória Régia*, estava posicionado no início do livro *Esteira de Emoções*, logo após a epígrafe. No entanto, por se tratar de uma homenagem ao primeiro livro, fazia mais sentido que esse poema estivesse no final do *Vitória Régia*, por isso ele foi reposicionado. Sobre o “Flor de pedra”, na última edição impressa, ele era o

poema final do livro, mas isso significa que ele entrava no “Encarte Familiar”, apesar de não ser uma homenagem como são os outros poemas desta seção. Além de que, o pequeno parágrafo que vem antes desse poema parece fazer uma retomada de uma narrativa que vinha sendo construída, mas parece que essa narrativa se perdeu com o poema posicionado onde estava. Para uma melhor disposição desse poema, levando em conta os pontos citados acima, ele foi realocado para antes do tal encarte.

Já a segunda questão, trata-se de alguns poemas nos livros que são um tanto controversos. O primeiro deles se chama “Escrava”. Nele, parece que Maria José utiliza de uma metáfora para falar sobre uma situação como se estivesse no lugar de uma pessoa escravizada. Sendo uma mulher branca, a apropriação desse termo e de toda a situação de pessoa escravizada para o uso de uma metáfora é uma questão muito delicada e não deveria ter sido utilizada, sendo um desrespeito à história de pessoas negras que de fato foram escravizadas, sofreram com todo esse sistema e sofrem até hoje com o racismo na sociedade, que vem desde os tempos da escravização.

Ademais, no poema “25 de janeiro”, há uma referência à cidade de São Paulo como “terra bandeirante”, enobrecendo, de certa forma, a figura do bandeirante, que eram conhecidos anteriormente apenas por “paulistas” ou “sertanistas” (Zacharias, 2020). Sabe-se que houve uma mudança na forma como a população via os bandeirantes e eles passaram a ser celebrados; no entanto “Essas narrativas [...] acabaram por apagar todo um histórico de violências cometidas pelos bandeirantes. Além das invasões e saques a aldeamentos, escravizavam comunidades indígenas e violentavam as populações originárias, principalmente as mulheres” (Angatu apud Zacharias, 2020).

Por fim, no último poema do livro *Esteira de Emoções*, “À minha terra natal”, há os seguintes versos: “Voltemos daqui ao barranco,/dos Tapuias feiticeiros/e louvemos CASTELO BRANCO,/em nome dos brasileiros!...” (Garcia, S. d.b, p. 75). Primeiramente, a palavra “tapuias” era uma forma pejorativa de se referir a pessoas indígenas: “O próprio nome ‘Tapuia’ significa bárbaro, inimigo ou indomável. Os portugueses usavam o nome ‘Tapuia’ como algo negativo, [...]. Os colonizadores usavam essas denominações em relação aos indígenas sertanejos [...]” (Barros, 2019). E depois disso, na mesma estrofe, há um louvor a Castelo Branco. Imediatamente vem à mente Humberto Castello Branco, primeiro presidente do período da ditadura militar brasileira (1964-1985); no entanto, o poema é uma ode a Belém do Pará, e a autora cita diversos nomes de pessoas que foram importantes para a história da cidade. Francisco Caldeira Castelo Branco foi o fundador de Belém, então é bastante provável que o poema esteja se referindo a ele, mas não é possível afirmar com

certeza. Além disso, a quantidade de letras 'l' em cada nome também pode ser um indício de que se trata, na verdade, de Francisco Caldeira e não de Humberto Castello Branco afinal.

Houve muita deliberação sobre o que fazer com relação a esses poemas: se eles deveriam ser mantidos ou não, se deveria ter alguma nota explicativa ou um prefácio que contasse sobre o contexto de vida da autora... Por fim, decidiu-se que os poemas seriam mantidos, apesar de tratarem de temas e, possivelmente, pessoas que vão contra os posicionamentos políticos e morais da autora deste trabalho. Entretanto, se os poemas fossem retirados da edição, poderia ser considerado um desrespeito à história da autora por suprimir no livro aspectos importantes de sua vida, principalmente em relação ao poema que homenageia Belém do Pará, cidade a que ela tinha muito orgulho de pertencer. Além disso, não foram incluídas nenhuma nota ou texto explicativo sobre essas questões na própria edição do livro por dois motivos: o primeiro diz respeito à concepção do projeto; esse tipo de texto não caberia na edição por conta do projeto gráfico ser todo baseado no texto datilografado. O segundo motivo concerne o público para o qual o livro está sendo pensado: a família de Maria José e conhecidos. Espera-se, portanto, que a família não precise desse tipo de contexto por já estar minimamente familiarizada com a vida da autora e de onde ela veio.

3. DIMENSÃO MATERIAL

3.1. Motivações

A escolha por uma edição artesanal veio através de uma série de motivações, mas antes é necessária uma contextualização. Nos anos 2010, em oposição às grandes livrarias e conglomerados editoriais que vinham se formando, começaram a surgir livrarias e editoras independentes, como narra Paulo Verano em seu texto “Entre as corporações e os caminhos independentes: o mercado editorial em tempos ambivalentes” para o livro *Bibliodiversidade e o Preço do Livro*:

Eclodira, desde meados dos anos 2010, uma nova cena independente com força e capilaridade o suficiente para embaralhar os limites entre o institucional e o não institucional [...]. Eu próprio cofundaria uma editora independente no final de 2015, a Edições Barbatana, torando na prática o quanto os limites entre o institucional e não institucional vinham e vêm sendo transportados, transgredidos, simulados, conectados, borrados, domesticados, às vezes realmente cindidos (Verano, 2022, p. 158).

A cena independente continua forte até hoje, como é possível ver pelo sucesso da 10^a edição da Miolo(s), feira de cultura gráfica que ocorreu no mês de novembro de 2023, como dito por Jurandy Valença, diretor da Biblioteca Mário de Andrade: “Um sucesso incontestável, vide o público presente nos dois dias do evento: cerca de 10 mil pessoas passaram, apreciaram, compraram e fomentaram diretamente e indiretamente o mercado independente de artes gráficas e editoras no país. Um regozijo” (Valença apud Feira, 2023). Jason Epstein já falava sobre essa crescente da cena independente em seu livro *O Negócio do Livro: Passado, Presente e Futuro do Mercado Editorial*, como cita Paulo Verano:

[...] as modificações que ele antevia para o futuro (futuro que é hoje) iriam em duas direções: corporações cada vez maiores de um lado e uma pluralidade de microações editoriais coordenadas de outro. Mega e grandes conglomerados editoriais concentrados de um lado. Uma pluralidade de micro e pequenas editoras e livrarias (de rua) de outro (Verano, 2022, p. 159).

Grande inspiração para o projeto veio de muitas dessas pequenas editoras que se propõem a fazer livros de forma independente: com uma equipe diminuta e de forma autônoma, utilizando, por vezes, processos artesanais de produção do livro, como impressão e encadernação artesanal ou até mesmo alternando entre o artesanal e o industrial e imprimindo tiragens pequenas. Algumas dessas editoras são a Lote 42 (e também a Livraria Gráfica⁴), Edições Barbatana e Quelônio.

⁴ Projeto realizado pela Lote 42 e Casa Rex, que tem como objetivo explorar novas formas de produzir e circular livros. Um livro fica disponível para venda por um determinado período de tempo através do site da Livraria Gráfica e, após o término desse período, eles são produzidos conforme a quantidade de exemplares vendidos. A equipe da Livraria Gráfica compartilha, pelo Instagram, os processos de confecção dos livros, que são feitos de forma independente e artesanal no ateliê deles.

Os zines também foram uma grande influência para essa tomada de decisão. Márcio Sno define bem esse tipo de publicação em seu livro *Na Linha de Frente*:

Zine é um veículo de comunicação, assim como o jornal, revista, televisão, rádio, cinema, gibi etc. Porém, é uma publicação independente, quer dizer que qualquer um pode publicar. Pode ser de qualquer formato e falar do que quiser (sempre usando o bom senso, claro). A sua distribuição se dá de forma alternativa, ou seja, fora do circuito de bancas de jornal e livrarias: de mão em mão, para amigos, familiares, pessoas com interesses em comum e também em feiras de publicações independentes (Sno, 2022, p. 15).

Henrique Magalhães no livro *O que é Fanzine* cita mais algumas características:

Uma das mais importantes características dos fanzines é que seus editores se encarregam completamente do processo de produção. Desde a concepção da ideia até a coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação, divulgação, distribuição e venda, tudo isso passa pelo domínio do editor. Em muitos casos, até a própria impressão é feita pelo editor, que aprende a lidar com o produto jornalístico de uma forma global. A manipulação de todo o processo, embora exija mais tempo e habilidade, dá maior liberdade de criação e execução da ideia (Magalhães, 1993, p. 10).

Dessa maneira, os zines mostram que é possível uma pessoa criar uma publicação interessantíssima em sua própria casa, utilizando os materiais que se tem à mão, com muita experimentação gráfica.

É curioso perceber como as características de zines e edições artesanais se cruzam em diversos aspectos. No livro *Editoras Artesanais Brasileiras*, Gisela Creni afirma:

Para o professor e editor Pedro Moacir Maia, o livro artesanal é, como todo artesanato, um livro que deve ser feito inteiramente à mão. Para ele, o artesão verdadeiro é aquele que pode escolher o texto e que tem sua oficina gráfica ou se utiliza de uma para imprimir com suas próprias mãos. Deve escolher o papel, a tipologia, a diagramação, tirar as provas, arranjar a ilustração, imprimir, refilar o livro e distribuir aos amigos, aos livreiros ou aos subscritores. [...] Todos esses cuidados, do ponto de vista gráfico, não teriam como objetivo apenas embelezar o livro, mas também procurariam ressaltar e buscar uma correspondência com o conteúdo da obra publicada. Acima de tudo, o processo de produção do livro artesanal, do começo ao fim, traz as marcas de ter sido realizado pelo próprio editor (ou de ter seu acompanhamento constante) (Creni, 2013, p. 22-23).

Outro ponto interessante que Gisela Creni cita em seu livro é que o livro artesanal tem como característica a publicação de textos de autores não consagrados e também, falando sobre o grupo de editoras que a autora pesquisou, ela afirma que “outro aspecto comum nesse grupo de editores artesanais é o fato de terem se dedicado a publicar poesia” (Creni, 2013, p. 18), o que foi uma feliz coincidência com este projeto que está propondo uma edição artesanal para dois livros de poesia de uma autora não consagrada.

Desde o princípio, a ideia era fazer uma encadernação manual para o livro; a decisão de também imprimir o livro em casa veio de fatores econômicos e de cronograma. Para enviar o livro para a gráfica, os arquivos deveriam ficar prontos com certa antecedência, mas o cronograma de produção não permitiu o prazo da gráfica, e a impressão em casa também se

tornaria muito mais econômica, o que era um ponto positivo. Além disso, também havia a vontade de participar de todas as etapas da produção.

Por conta de todos esses aspectos e pontos apresentados, fazer uma edição artesanal para os livros de Maria José Garcia pareceu uma decisão natural, em que todas as peças se encaixaram, além de esse tipo de edição também trazer muito valor afetivo para o projeto e contribuir para o resgate de memória da vida da autora, o que era um dos objetivos iniciais. O uso da máquina de escrever e cor da linha escolhida para a encadernação manual, por exemplo, remetem à vida de Maria José Garcia, que possuía uma máquina de escrever e gostava muito da cor vermelha, para citar alguns elementos.

3.2. O projeto

Primeiramente, é preciso dizer que o projeto é um livro dois em um, ou seja, os dois livros escritos por Maria José Garcia estão presentes em um único volume, e há uma capa para cada um deles, uma para *Vitória Régia* e outra para *Esteira de Emoções*. Essa foi a forma mais simples encontrada para manter os livros juntos, sem que fosse necessária uma luva ou algum tipo de *box* que englobasse ambos os livros. É importante que os livros estejam juntos, pois um complementa o outro, e a última edição impressa dos livros era também uma edição dois em um; no entanto, havia apenas uma capa para ambos os livros. O volume iniciava com o *Vitória Régia* e, logo depois, vinha a página de rosto do *Esteira de Emoções* e este seguia. Porém, para o projeto atual, era importante que cada livro possuísse a sua individualidade e também que pudessem ser lidos como se fossem de fato volumes diferentes, sem que para ler o segundo livro fosse necessário passar pelo primeiro. Esse tipo de formato foi utilizado pela Editora Elefante no livro *Bolsonaro Genocida* (2021); há uma capa diferente para cada um dos temas tratados no livro: uma para a pandemia de covid-19 e outra para direitos indígenas e meio ambiente.

Levando em consideração que o livro de Maria José Garcia seria impresso em uma impressora doméstica comum com jato de tinta, o formato escolhido foi o 14,8 x 21,0 cm, também conhecido como A5. O papel escolhido para o miolo do livro foi o Pólen Bold 90 g/m². Esse papel, além de ser amarelado e trazer mais conforto para a leitura, é encorpado, trazendo mais volume ao livro sem aumentar o número de páginas. Essa era uma característica desejável, já que o livro possui 96 páginas, mas a ideia era que ele fosse um pouco mais robusto e tivesse lombada.

Com base no intuito do resgate de memória, a pretensão era que o livro tivesse imagens que retratassem a vida de Maria José Garcia. As imagens presentes no livro pertenceram ao acervo pessoal da autora e se relacionam com os poemas: são lugares e pessoas que fizeram parte da vida dela e, por se tratar de um livro que tem como objetivo o resgate de memória da vida da autora, foi feito também um resgate de fotografias. Assim, as imagens foram posicionadas no centro do livro, entre o *Vitória Régia* e o *Esteira de Emoções*, e são colagens que a própria Maria José fez. Ela montava álbuns de fotografia em álbuns que se chamavam Kassuga e eram autocolantes, posicionando fotos, matérias de jornal e recortes de revistas para formar cada página. No livro, são oito páginas de imagem, iniciando e terminando com a capa e quarta capa de um dos álbuns que pertenceu a Maria José, e foram selecionadas seis páginas de colagens que representam parte do período de vida dela que é retratado nos livros.

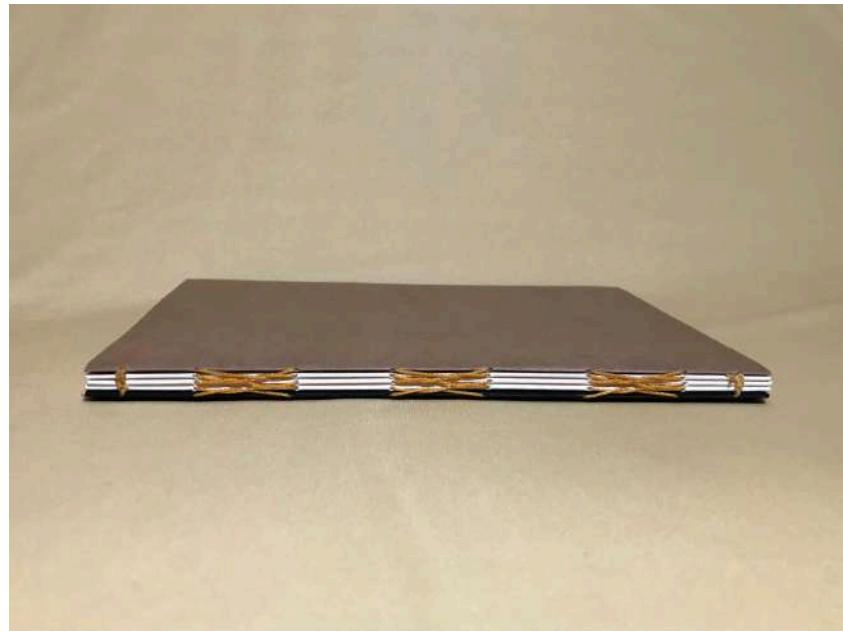
Há imagens nas capas também, uma fotografia para cada uma delas, que representam Maria José em diferentes fases de sua vida. Foi escolhida uma foto de 1945 para o livro *Vitória Régia*, pois estima-se que seja da época em que Maria José trabalhou na *Folha do Norte* e tinha vinte e dois anos. A outra fotografia é de 1994, ano em que Maria José completou 71 anos. Provavelmente esse período é posterior à escrita do *Esteira de Emoções*, e a fotografia mostra a autora mais madura.

A encadernação escolhida para o projeto é a francesa. Esse tipo de encadernação permite que sejam costurados diversos cadernos juntos, e no caso deste projeto são seis cadernos de dezesseis páginas cada. O termo caderno é definido por Nelson Neto como

Folha impressa em ambas as faces e sucessivamente dobrada, resultando em um bloco de páginas agrupadas no formato aproximado das dimensões finais da publicação. Os cadernos, constituídos por múltiplos de 4 páginas (4, 8, 12, 16 ou 32, na maioria dos casos), são agrupados, encadernados e refilados para produzir livros, revistas ou catálogos com grande número de páginas (Neto, 2013, p. 38).

Com essa encadernação, a costura fica aparente e, por isso, a linha utilizada também é um elemento importante. Foi escolhida uma linha encerada vermelha, que dá um ponto de cor e destaque ao livro, além de ser a cor da capa do álbum que aparece no miolo do livro para o caderno de imagens. Não apenas, é também uma cor que a autora gostava muito.

Figura 12 – Demonstração da encadernação francesa



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A capa de cada um dos livros é costurada junto do primeiro caderno de cada uma das extremidades do livro e o papel escolhido para a capa foi o Opaline 180 g/m². É um papel mais encorpado, que apresenta uma textura agradável e em que as cores das imagens da capa aparecem muito bem, dado seu tom mais branco. A imagem da capa é impressa na parte interna da orelha do livro e há um corte na capa em si, sendo possível, assim, ver a imagem através do recorte. Também na orelha, há uma legenda com a data de cada uma das fotos, mas que ainda assim não aparecem pelo recorte da capa. O título e o nome da autora foram impressos na própria capa, e não na orelha como as fotos.

4. DIMENSÃO TIPOGRÁFICA

A ideia inicial era utilizar uma família tipográfica que imitasse uma máquina de escrever. Essa ideia partiu de uma memória afetiva: a lembrança da máquina Hermes Baby vermelha que pertenceu a Maria José. A máquina possuía uma imagem de Iemanjá na tampa da maleta e, infelizmente, foi doada durante uma mudança de endereço. A Hermes Baby foi criada por volta dos anos 1930 (Menzi, 2009), porém os modelos similares à máquina que pertenceu a Maria José Garcia datam dos anos 1960 e 1970 (Nikou, 2023; Sayer, 2014). Vale ressaltar que não é possível saber quando a máquina da autora foi adquirida e também não foram encontrados poemas datilografados. No entanto, a ideia de utilizar uma fonte que remetesse a máquinas de escrever permaneceu.

Figura 13 – Maria José Garcia e a tampa de sua Hermes Baby



Maria José Garcia posa ao lado de uma vitória-régia e da tampa de sua Hermes Baby com imagem de Iemanjá em sua casa no Rio de Janeiro.

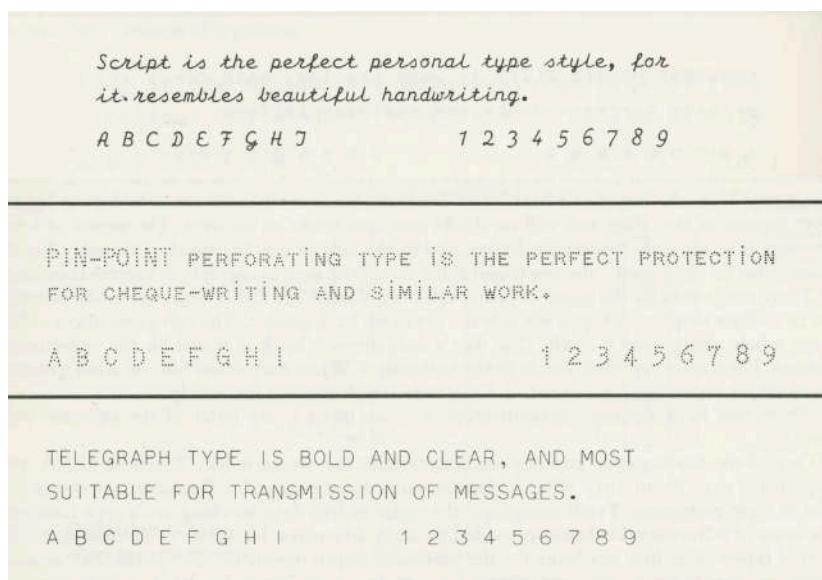
Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, 2008.

Ao longo da história das máquinas de escrever, foram desenvolvidas diversas fontes para esses aparelhos. O que se conhece popularmente como “fonte de máquina de escrever”, ou seja, uma fonte monoespacada com serifas, na verdade é apenas uma das variações de tipos de fonte encontradas nas máquinas. Esse de fato era o tipo mais popular, pois muitos consumidores buscavam por fontes neutras:

Muitas famílias tipográficas que nasceram com as máquinas de escrever também morreram com elas; o design dos tipos precisava ser funcional porque uma mesma fonte era utilizada para diferentes propósitos. Os usuários provavelmente procuravam por fontes de aparência neutra. Designs pouco convencionais não eram uma escolha popular e eles sumiram com o tempo (Ramos, 2016, tradução nossa)⁵.

Contudo, existiam fontes em máquinas de escrever para diferentes propósitos: “Os alfabetos *shiftless* [que só possuíam um caractere por letra, geralmente apenas em caixa alta] eram usados principalmente em propagandas, telegramas e em finanças; as fontes itálicas e cursivas eram designadas para documentos informais como correspondência pessoal”⁶ (Ramos, 2016, tradução nossa).

Figura 14 – Amostra de famílias tipográficas em máquinas de escrever



Famílias tipográficas cursiva, pontilhada e *shiftless*.

Fonte: Beeching apud Ramos, 2016.

Foi iniciada, então, uma pesquisa para encontrar a fonte ideal para o livro. O problema, no entanto, é que existem centenas de tipografias diferentes inspiradas em máquinas de escrever. No meio desse processo, foi sugerido que o livro fosse datilografado. Datilografar todos os poemas em oposição a simplesmente escolher uma família tipográfica que remetesse à máquina de escrever traria ao projeto mais uma camada do fazer manual, além de dar mais personalidade ao trabalho e resgatar um elemento que fez parte da vida de

⁵ No original: “Many typefaces that were born with the machine also died with it; their design needed to be functional because the same typeface was used for different purposes. Users probably looked for fonts with a neutral appearance. Unconventional designs were not a popular choice and they vanished with time” (Ramos, 2016).

⁶ No original: “The shiftless alphabets were mainly used for advertising, telegrams, and financial work; and the italic and script faces were intended for informal documents like personal correspondence” (Ramos, 2016).

Maria José Garcia. Além da Hermes Baby que sabe-se que Maria José teve, foi encontrada também uma fotografia de quando a autora trabalhava na *Folha do Norte*, em que ela posa de frente para uma máquina de escrever. Por conta desses motivos, a sugestão foi acatada.

Figura 15 – Maria José e sua máquina de escrever na *Folha do Norte*



Maria José Garcia em frente a uma máquina de escrever da época em que trabalhava na *Folha do Norte*.

Supõe-se⁷ que a máquina seja uma Royal KMM da década de 1940.

Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, S.d.

De maneira semelhante, o livro *Amor à Moda Antiga* do poeta Fabrício Carpinejar foi datilografado e o texto não passou por nenhum tipo de revisão, edição ou tratamento digital, sendo publicado da forma como foi escrito, com correções da máquina de escrever e rasuras do autor. Esse livro fez um ótimo trabalho em reproduzir as poesias datilografadas e, sobre o projeto, Carpinejar diz:

– Temos de ter paciência como a de datilografar e, se precisar, corrigir. O amor é esse retrabalho – compara o escritor [...] – Nesse sentido, o livro é um presente feito com as próprias mãos, convocando outros a fazerem o mesmo – diz Carpinejar que, em tempos de virtualidades, provoca: – Precisamos retomar o artesanato das relações, o toque, o feito à mão. Há todo um fluxo da internet, das relações líquidas, mas há uma lacuna do olho no olho, o estreitar do contato com a pele, dar um bom abraço, ficar juntinho (Carpinejar apud Santos, 2016).

Essa decisão vai na contramão de toda tecnologia que está mais do que nunca presente nos dias de hoje e, consequentemente, presente também no mercado editorial. Em acontecimentos recentes, um livro ilustrado por inteligência artificial foi indicado como semifinalista do prêmio Jabuti na categoria Ilustração (Obra, 2023). Essa ocorrência não é um

⁷ O mecanógrafo Ronaldo de Oliveira foi contatado para opinar a respeito da máquina presente na foto.

caso isolado da utilização de inteligência artificial para a ilustração de livros e com certeza não será o último. No entanto, é interessante notar editoras que também vão nessa contramão, como por exemplo a Editora Quelônio, que publica livros impressos em tipografia, e a Edições Barbatana, que está editando um livro ilustrado em xilogravura. O gravurista, Eduardo Ver, compartilha o processo de feitura das matrizes em seu Instagram⁸.

Havia disponível uma máquina que poderia ser usada nesse projeto, uma Olivetti Linea 88, pertencente a Jane Maranhão, esposa do neto primogênito de Maria José e mãe da autora deste trabalho. A Linea 88, muito diferente da Hermes Baby, é uma máquina grande e pesada (aproximadamente 12 kg) e a família tipográfica desta máquina é bem parecida com o que está no imaginário popular de uma fonte de máquina de escrever, uma fonte monoespaçada e com serifas.

Figura 16 – Tipografia Olivetti Linea 88

Olivetti Linea 88 s/n B03 0537
Glasgow, Scotland. 1969

1234567890- ³² ₄₃	*"/@£_&!'()? ¹¹ ₄₃
qwertyuiop ³ ₈	QWERTYUIOP ¹ ₈ +
asdfghjkl; ⁷ ₈	ASDFGHJKL: ⁵ ₈
zxcvbnm, . ¹ ₂	ZXCVBNM, .% ₈

12cpi

Demonstração da tipografia da máquina Olivetti Linea 88.
Fonte: Bowker, 2013.

A máquina precisou de manutenção geral, pois não era usada há muitos anos. Faltavam algumas teclas, outras emperravam ao serem apertadas e os tipos estavam sujos, reproduzindo letras borradas. A Linea 88 foi levada, então, aos cuidados de Ronaldo Valim de Oliveira, mecanógrafo conhecido do centro de São Paulo. Ronaldo trabalha consertando máquinas de escrever há quatro décadas e é uma referência no ramo. Seu ateliê possui um espaço que ele chama de Sala Cultural e funciona como um museu. A sala comporta a coleção notável de máquinas de escrever de Ronaldo, além de matérias de jornal sobre

⁸ O perfil do gravurista pode ser encontrado no link: <https://www.instagram.com/eduardo_ver/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

máquinas de escrever e a história delas nas paredes. Um dos modelos mais antigos da coleção é uma Remington Model 6 de 1894.

Figura 17 – Remington Model 6



Máquina de escrever do modelo Remington Model 6 de 1894 da coleção de Ronaldo Oliveira.
Fonte: Oliveira, S. d.

Figura 18 – Sala Cultural de Ronaldo



Espaço que Ronaldo denomina Sala Cultural com suas máquinas de escrever, em sua maioria cobertas, a não ser pela Remington Model 6 à frente; na imagem também aparecem os quadros de Ronaldo nas paredes com imagens sobre a história das máquinas de escrever e outros objetos antigos que ele coleciona.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A Linea 88 foi consertada e estava pronta para o uso. Para definir a dimensão da fonte, experimentou-se com um dos poemas em diferentes dimensões de papel normalizadas pela ISO 216, o A4 e o A5. O poema teste foi datilografado em uma A4 e também em uma A5, utilizando margens proporcionais para cada tamanho de folha. Ambos os testes foram digitalizados e a A4 foi reduzida para ajustar-se ao tamanho A5, simulando o tamanho do livro final. Os testes foram impressos e notou-se um problema: utilizando a folha A4, a letra ficava muito pequena, desconfortável para a leitura, e também parecia que o tamanho da fonte estava desproporcional ao restante da página. Já utilizando o próprio tamanho de folha A5 para datilografar, a fonte parecia muito grande e um verso de extensão média já ficava no limite da margem. Assim, surge a necessidade de um papel com dimensões intermediárias.

Para determinar um tamanho intermediário, porém preservando as proporções do original, foi feita uma média simples entre a altura e o comprimento das folhas A4 e A5. Assim, obteve-se o tamanho 179 x 254 mm, e a folha passou a ser chamada carinhosamente de A4,5. Mais tarde notou-se que o tamanho da tal A4,5 era semelhante ao de uma B5. Novamente foi feito o teste, dessa vez com o mesmo poema datilografado na folha B5, com as margens proporcionais a este tamanho de página. Quando o poema foi reduzido e impresso em A5, o tamanho da fonte estava proporcional ao tamanho da folha e bom para a leitura, além de ter ficado muito similar a tamanhos de fontes de outros livros de formato parecido. Assim, esse tamanho foi o escolhido para os poemas do miolo do livro. Apenas em duas ocasiões foi utilizado o tamanho de folha A4 que, reduzido para A5, gerou um tamanho de fonte menor do que o corpo de texto do livro: para os créditos no verso da folha de rosto e para a legenda das fotos na orelha do livro.

Com o tamanho da fonte escolhido, bastou ajustar as margens ao tamanho da página, sempre lembrando que as margens seriam reduzidas, pois o tamanho de folha trabalhado era maior que o A5. Todos os poemas do miolo começaram a ser datilografados em papéis de tamanho B5, mas depois percebeu-se que, com as margens delimitadas pela máquina de escrever, era possível utilizar a folha A4 e definir o tamanho correto diretamente no escâner, no caso o B5, que seria posteriormente reduzido na diagramação para A5, o tamanho final do livro.

Praticamente todo o texto do livro foi alinhado à esquerda, inclusive os títulos dos poemas. Seria muito trabalhoso centralizá-los enquanto eram datilografados, além de garantir que eles estivessem de fato centralizados; tudo seria uma estimativa, ou teriam que ser feitas contas previamente para cada um dos títulos. Assim, para que os títulos dos poemas tivessem mais destaque, já que seriam alinhados à esquerda, foi decidido que seriam escritos em

caixa-alta, mantendo o padrão das outras edições impressas dos livros e, para um destaque ainda maior, eles foram também sublinhados. Os únicos textos que não estão alinhados à esquerda são os títulos dos livros e nome da autora no olho e no rosto, além do nome da seção “Encarte Familiar”.

Mais tarde, foram encontradas fotos que pertenceram ao acervo pessoal de Maria José Garcia com comentários dela mesma datilografados no verso das fotos e, a partir dessas fotos, foi possível descobrir que o estilo de fonte da Hermes Baby de Maria José era uma fonte cursiva. Sabia-se que Maria José possuía uma Hermes Baby e, com a comparação entre as legendas das fotos e uma amostra de tipografia de uma Hermes Baby cursiva encontrada *online*, chegou-se a essa conclusão.

Figura 19 – Fotografia de Maria José com legenda em Hermes Baby cursiva

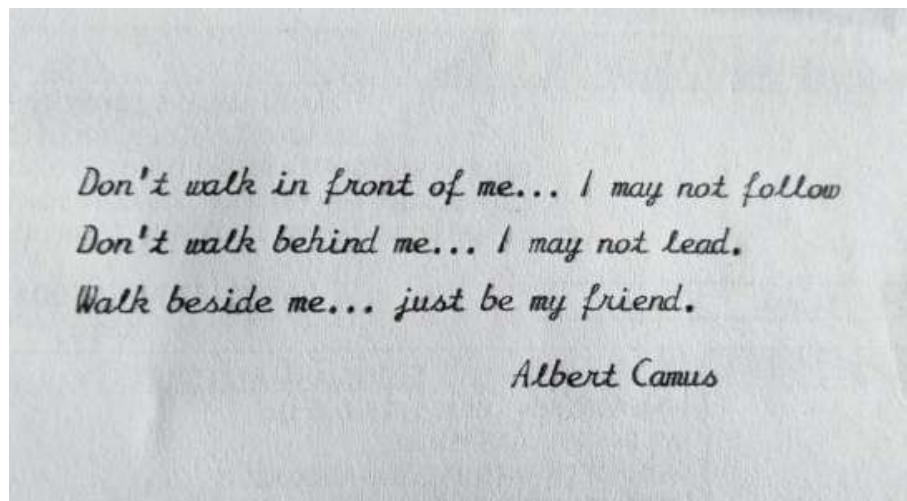


A minha praia "particular"

Acima, fotografia de uma praia do Rio de Janeiro e abaixo dela, legenda datilografada no verso da foto por Maria José.

Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, S. d.

Figura 20 – Tipografia Hermes Baby cursiva



Demonstração da tipografia de uma Hermès Baby cursiva de 1969.

Fonte: Nikou, 2023.

Com essa informação, surgiu o desejo de utilizar a fonte dessa máquina no projeto. Ronaldo de Oliveira foi contatado novamente e ele informou que possuía uma Hermès Baby cursiva que poderia ser utilizada. De volta ao ateliê de Ronaldo, ele foi muito gentil em datilografar os títulos dos livros e o nome da autora para o uso no projeto.

Figura 21 – Hermès Baby com papel datilografado por Ronaldo

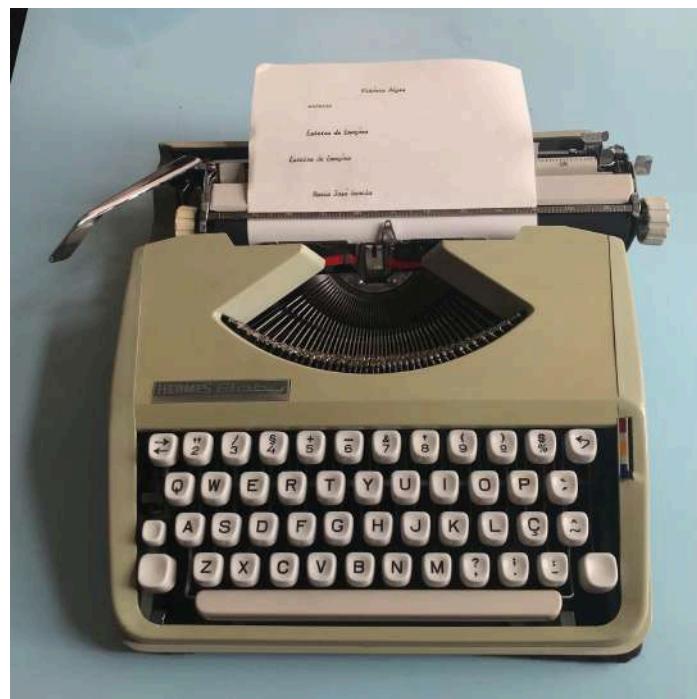


Imagen mostra Hermès Baby que pertence a Ronaldo Oliveira com texto datilografado por ele mesmo para uso no projeto. Foram datilografados os títulos *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções*, além do nome da autora, Maria José Garcia.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Figura 22 – Luiza e Ronaldo



Luiza e Ronaldo no ateliê de Ronaldo; Luiza segura a folha que foi datilografada por ele e a máquina Hermes Baby aparece no canto inferior direito.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

O papel que Ronaldo datilografou foi escaneado e o texto datilografado na Hermes Baby foi utilizado na capa e nas páginas de olho e rosto do livro em corpo maior do que o que foi de fato escaneado.

Para a paginação, foi criada uma fonte a partir de uma folha escaneada com os números da Olivetti datilografados. Sentiu-se a necessidade de números de página no livro, porém datilografar os números diretamente na mesma folha do poema poderia causar alguns problemas caso a ordem dos poemas fosse alterada, por exemplo. Nesse caso, ao invés de escolher alguma outra fonte para ser utilizada, escolheu-se por manter o uso da máquina, mas, para facilitar, com uma fonte baseada em sua tipografia. Os números foram datilografados, escaneados e a fonte foi criada com ajuda do programa FontLab. Já no InDesign, o tamanho escolhido para essa fonte foi de 8 pt, um corpo pequeno, que não chama muita atenção, mas ainda assim cumpre a sua função.

5. DIMENSÃO TOPOGRÁFICA

5.1. Espelho

O espelho do projeto foi definido levando em consideração as páginas pré-textuais de cada um dos livros, todos os poemas e as páginas que seriam destinadas para imagens. Os livros iniciam com uma página de olho apenas com o título; o verso do olho fica em branco e, em seguida, vem a página de rosto, novamente com o título e também com o nome da autora. No verso do rosto, há créditos e algumas informações da edição, que geralmente estariam presentes no colofão do livro, mas percebeu-se que não havia espaço para um colofão e optou-se por colocar essas informações junto aos créditos. Depois, aparece a página de dedicatória, com o verso em branco e, a partir desse momento, a estrutura dos livros se difere: o livro *Esteira de Emoções* tem uma página para epígrafe que aparece neste momento, após o verso da dedicatória, enquanto o *Vitória Régia* inicia com os poemas na próxima página ímpar, a de número sete. Após o verso em branco da página de epígrafe em *Esteira de Emoções*, os poemas deste começam também na próxima ímpar, a página nove, e assim os dois livros seguem com os poemas ocupando as páginas pares e ímpares.

Esse livro também tem outras particularidades, pois nele há uma seção denominada “Encarte Familiar”, com uma página que indica o início da seção. O último poema antes disso termina em uma página ímpar, a página 31, e assim escolheu-se manter a próxima página par em branco e então, na página 33, vem a indicação do nome da seção. O verso dessa também é em branco, e o seu primeiro poema inicia na ímpar seguinte, a 35. O último poema da seção, que é também o último do livro, termina numa página ímpar, a 41. Com relação ao *Vitória Régia*, os poemas seguem ininterruptamente até o fim do livro, e a última página de poema é a 46; depois, na página 47, há agradecimentos da autora e livro também termina em página ímpar.

Como descrito anteriormente, o livro é dois em um; há duas capas, uma para cada título, e, por conta disso, o final de cada obra se encontra no meio da brochura, de forma que, ao se encontrarem, um está de cabeça para baixo em relação ao outro. Para evitar problemas com o sentido dos textos no arquivo de InDesign, escolheu-se por separar os arquivos de cada título. Assim, era preciso que cada volume fechasse caderno separadamente, ou seja, que tivessem uma quantidade de páginas múltipla de 16, pois seriam formados cadernos com essa

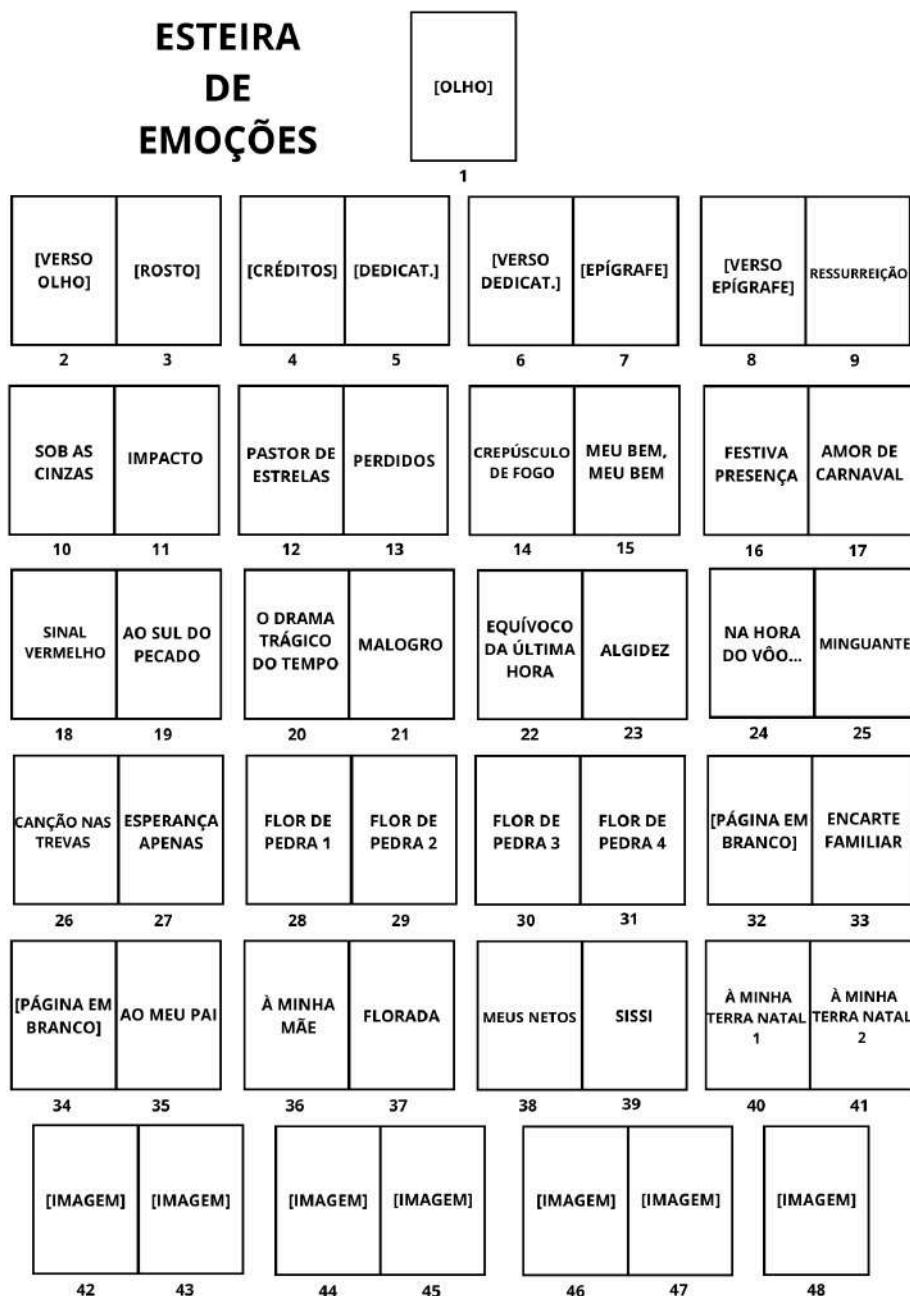
quantidade de páginas e, com os livros separados, era possível evitar que as páginas de cada título se misturassem.

No fim, foi definido que tanto o *Vitória Régia* quanto o *Esteira de Emoções* teriam 48 páginas, totalizando seis cadernos de dezesseis páginas, três para cada livro. Com isso em mente, no livro *Esteira de Emoções* remanesceram sete páginas em branco, da página 42 até a 48 e no *Vitória Régia* restou apenas uma página sem texto, totalizando assim quatro duplas de páginas que seriam usadas para imagens.

Figura 23 – Espelho do livro *Vitória Régia*

VITÓRIA RÉGIA		[OLHO]	
		1	
[VERSO OLHO]	[ROSTO]	[CRÉDITOS]	[DEDICAT.]
2	3	4	5
[VERSO DEDICAT.]	O TEU RETRATO	DEIXA	POEMA DO MEU CIS.
6	7	8	9
SONHO	O MEU CASTELO	DESTINO	HORAS MAL VIVIDAS
10	11	12	13
PERDOA	LETARGO	À SOMBRA...	MUITO TARDE
14	15	16	17
AMANHECER	ESCUТА Ó SOLDADO...	A MORTE DO ROUXINOL	VATICÍNIOS
18	19	20	21
O MUNDO RECUA	HOMENAGEM	INTRANQUILIDADE	REFÚGIO
22	23	24	25
ESCRAVA	SARCASMO	A FELICIDADE ...	VENCIDA
26	27	28	29
E ELE VEIO	DANÇANDO SOBRE...	LIAME SECRETO	ESSE MILAGRE NOVO
30	31	32	33
SILENCIOSA RESSURREIÇÃO	ERREI	MAGNÓLIA	NA TUA AUSÊNCIA
34	35	36	37
AMOR QUE NUNCA MORRE	BENDITO SEJAS	NO ÁLBUM...	25 DE JANEIRO
38	39	40	41
E ELE FOI	VITÓRIA RÉGIA	ANAZILDO RIBEIRO 1	ANAZILDO RIBEIRO 2
42	43	44	45
ANAZILDO RIBEIRO 3	AGRADECI- MENTOS	[IMAGEM]	
46	47	48	

Fonte: Produção da autora, 2023.

Figura 24 – Espelho do livro *Esteira de Emoções*

Fonte: Produção da autora, 2023.

5.2. Miolo

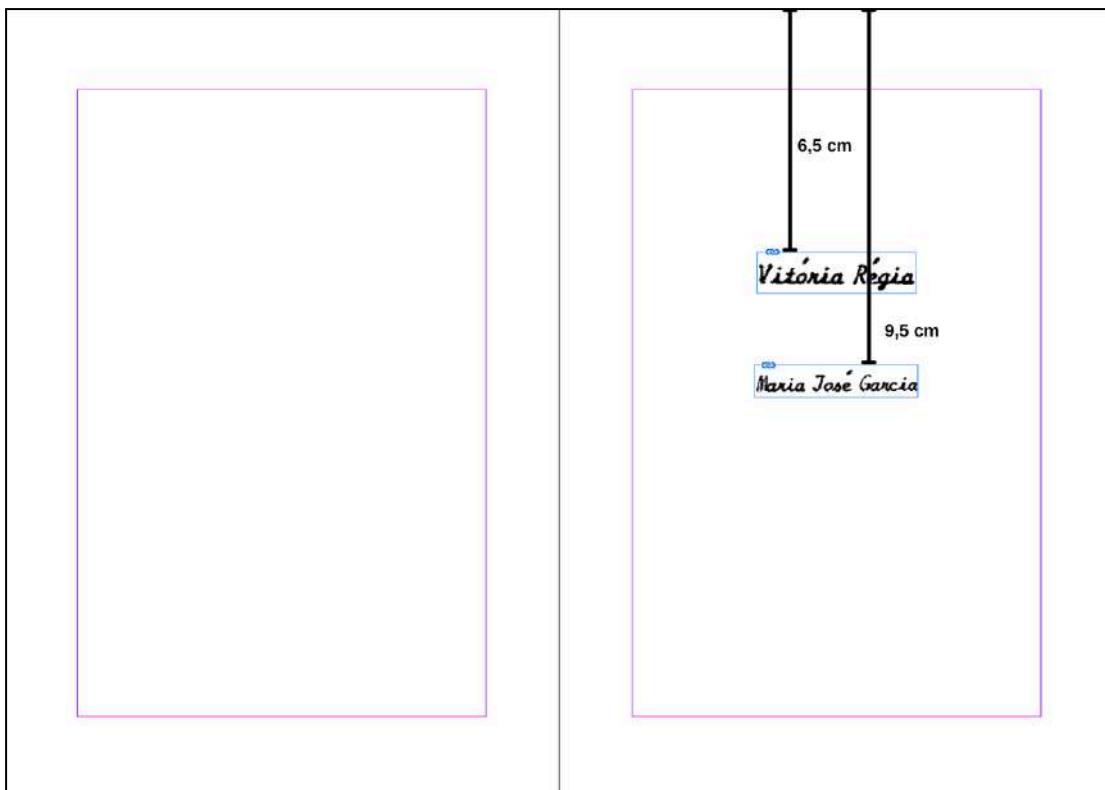
Para a parte do miolo, as margens e espaçamentos foram definidos diretamente na máquina de escrever. Em relação às margens, primeiramente definiu-se que a interna e externa seriam do mesmo tamanho, pois, quando o texto começou a ser datilografado, o espelho do livro ainda não estava definido, de modo que, caso os poemas precisassem ser realocados posteriormente, não haveria problema em relação a essas duas margens. Além

disso, a encadernação escolhida não omite parte da margem interna, como é comum em livros com um grande número de páginas no formato de códice, e por isso não seria necessário deixar a margem interna maior. Era desejável que fosse possível segurar o livro pelas margens sem que o dedo do leitor encobrisse parte do texto, assim foram feitos alguns testes até chegar no tamanho de margem final, tamanho próximo a 2 cm. As margens superior e inferior foram definidas com base em margens de livros com tamanhos similares ao planejado (14 x 21 cm) e ambas têm o mesmo tamanho entre si; também era desejado que tivessem um tamanho maior em relação às margens interna e externa. Após a impressão, notou-se que as margens sofreram algumas alterações por conta da margem que a própria impressora coloca e também talvez pelo posicionamento do papel.

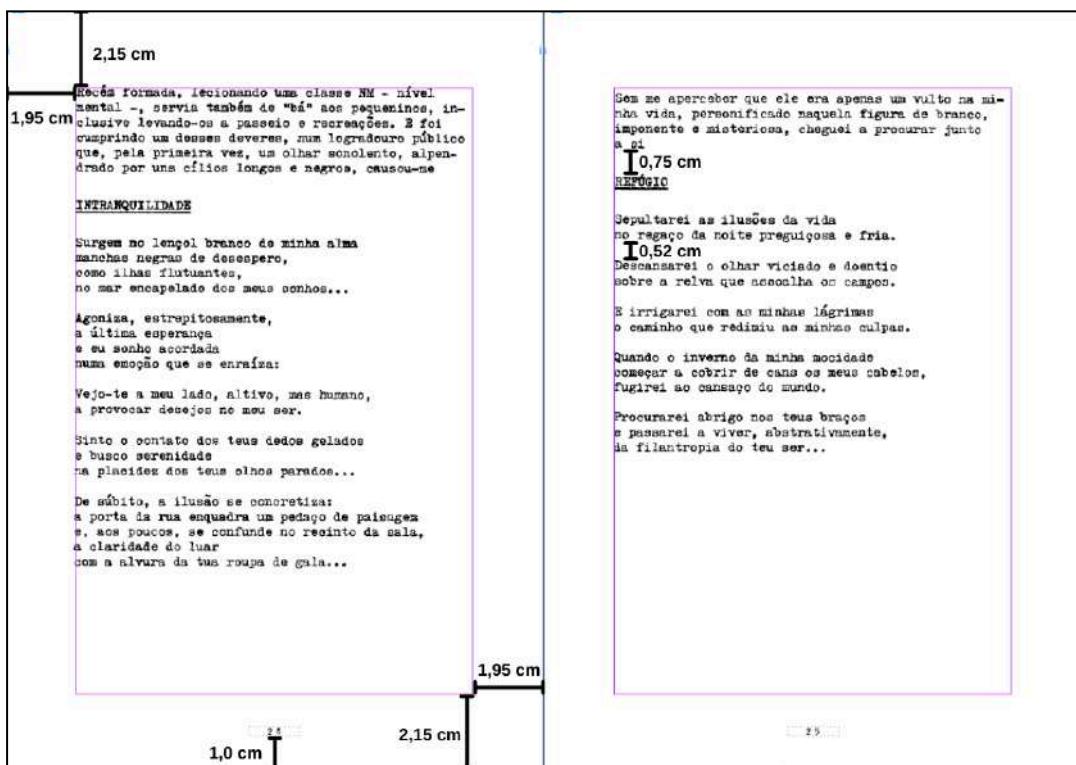
Com relação ao espaçamento, este foi definido com um recurso da própria máquina de escrever enquanto os poemas eram datilografados. Na máquina, o espaçamento é baseado em uma quantidade de linhas “puladas”; assim foram definidos alguns padrões que foram seguidos ao longo de todo o livro. O espaçamento entre linhas de texto corrido ou de versos era de duas linhas; entre o título dos poemas era de cinco linhas e entre estrofes, quatro. Em alguns casos, em que foi necessário escrever algo embaixo de um título que estava sublinhado, usou-se o espaçamento de três linhas ao invés de dois. Com o realce, se o espaçamento usado fosse de duas linhas, as acentuações da linha de baixo encostavam no sublinhado do texto de cima, o que prejudicaria a leitura. Por fim, o espaçamento entre cada parágrafo de dedicatória era de 5 linhas.

Para o caso das páginas que não são de poema (com exceção da página de créditos), o texto em questão foi posicionado a 6,5 cm do topo da página. Essas páginas são as de olho, rosto, dedicatória, epígrafe, agradecimentos e o título da seção “Encarte Familiar”. No caso do rosto, que possui também o nome da autora mais abaixo, esse está a 9,5 cm do topo da folha. Os créditos foram posicionados encostados na margem lateral esquerda e inferior. Quanto aos números de páginas, estes estão posicionados a 1 cm da base da página.

Com relação às imagens que aparecem no miolo do livro, por se tratarem de colagens dos álbuns de Maria José e também da capa e quarta capa de um dos álbuns, elas foram escaneadas e posicionadas ocupando as páginas inteiras da página 42 a 48 do *Esteira de Emoções* e também na página 48 do *Vitória Régia*.

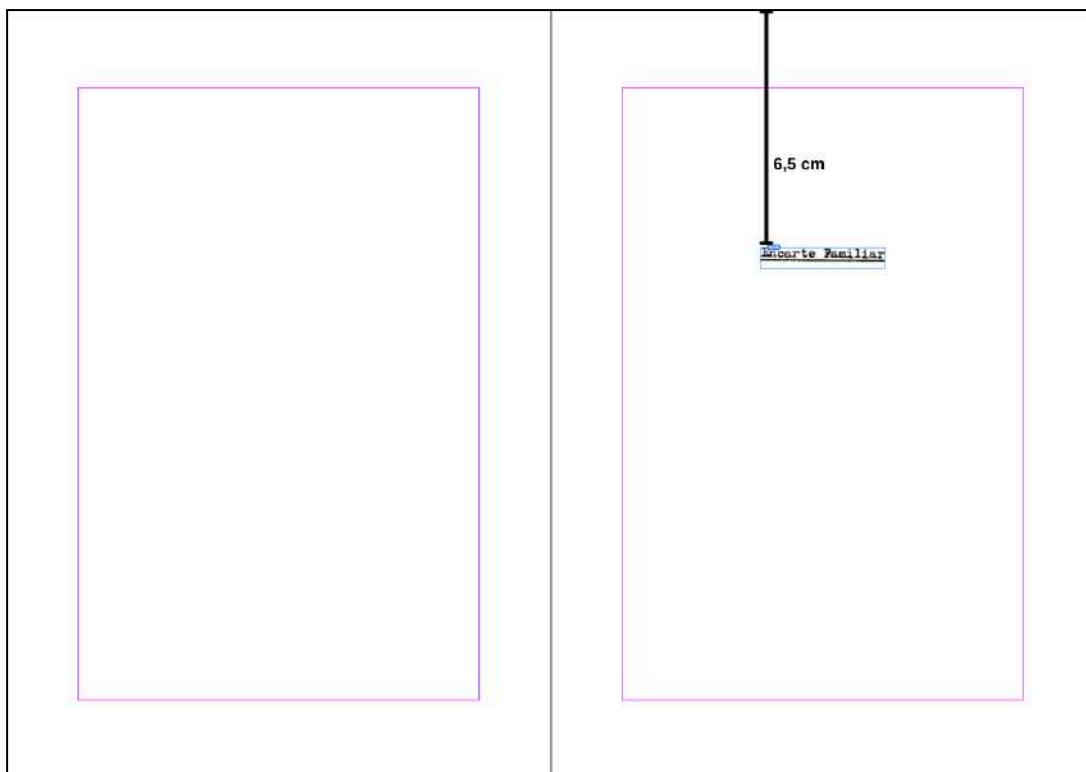
Figura 25 – Página de rosto do livro *Vitória Régia*

Fonte: Produção da autora, 2023.

Figura 26 – Dupla de poemas do livro *Vitória Régia*

Fonte: Produção da autora, 2023.

Figura 27 – Título da seção “Encarte Familiar”

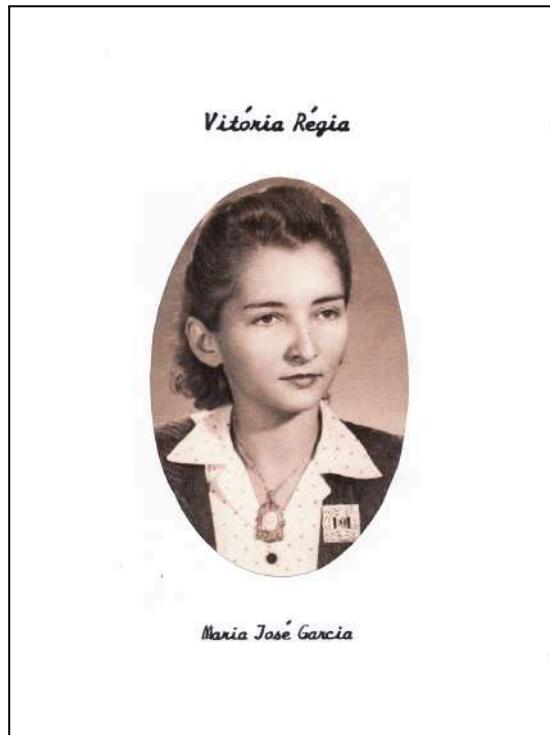


Fonte: Produção da autora, 2023.

5.3. Capa

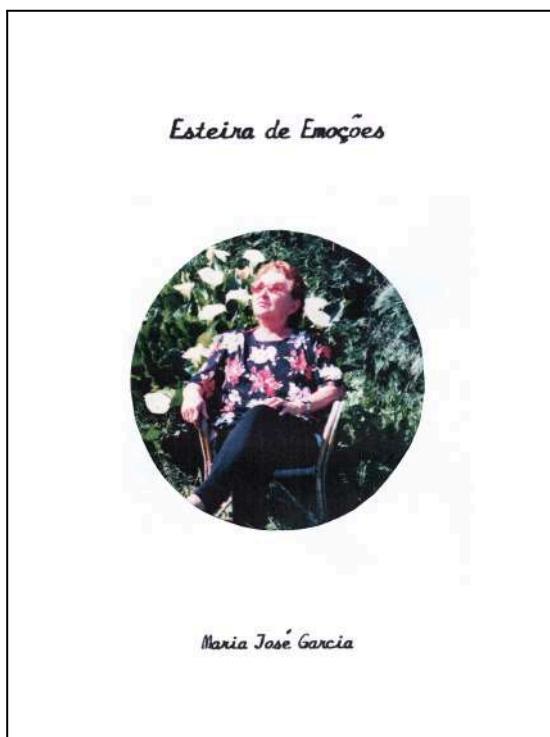
Para a capa, foi definido que seriam usadas imagens que representassem diferentes fases de Maria José. Além disso, estariam também presentes o título do livro e o nome da autora, ambos datilografados com a máquina Hermes Baby, e em cada uma das capas há um recorte em formas diferentes por onde é possível ver a imagem da capa impressa na orelha do livro. Ambas as formas aparecem centralizadas na capa. No livro *Vitória Régia*, a forma é um oval, o que remete a molduras de retratos antigos ovais e também a relicários em formato oval. Já a forma da capa do *Esteira de Emoções* é um círculo, o que acomoda bem a imagem escolhida para o livro em questão, além dessa forma também ser usada para indicar novos ciclos (Ráma, S. d.), conceito que conversa com a fase de vida de Maria José apresentada neste livro. Além disso, na orelha há uma legenda com a data de cada uma das fotos, 1945 e 1994 respectivamente para *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções*, apesar de essas informações não aparecerem no recorte da capa. Não foi colocado nenhum elemento adicional que indique qual livro é o primeiro e qual é o segundo, pois esse ponto pode ser deduzido por meio das fotos e a idade da autora nelas.

Figura 28 – Capa do livro *Vitória Régia*



Fonte: Produção da autora, 2023.

Figura 29 – Capa do livro *Vitória Régia*



Fonte: Produção da autora, 2023.

6. DIMENSÃO ICONOGRÁFICA

Com relação às imagens utilizadas no projeto, foi feito um resgate de fotografias que pertenceram ao acervo pessoal de Maria José. O objetivo era poder representar por meio das imagens, tanto da capa quanto do miolo, parte da história da autora que é descrita ao longo de seus poemas. Assim, para as capas foram escolhidas imagens que representassem Maria José em momentos diferentes, assim como as fases de sua vida que o leitor acompanha ao longo dos livros. *Vitória Régia* descreve os anos mais jovens da autora e também toda a história de amor com Edgard; já *Esteira de Emoções* apresenta um período da vida dela posterior à morte de seu companheiro e pai de seus filhos, acontecimento muito difícil pelo qual ela teve que passar. É também um período de mais maturidade, em que ela teve também novos amores, além de apresentar reflexões sobre sua história e poemas dedicados a pessoas que foram importantes para ela.

A fotografia escolhida para a capa do livro *Vitória Régia* é datada de 1945, ano em que a autora completou 22 anos e trabalhava para a *Folha do Norte*. A imagem é um retrato de Maria José, como se fosse para a foto de um documento. Ela olha para o lado com expressão neutra. Foi durante essa época que ela conheceu Edgard e já escrevia seus poemas. Por esses motivos, julgou-se que a imagem escolhida era ideal para representar esse período.

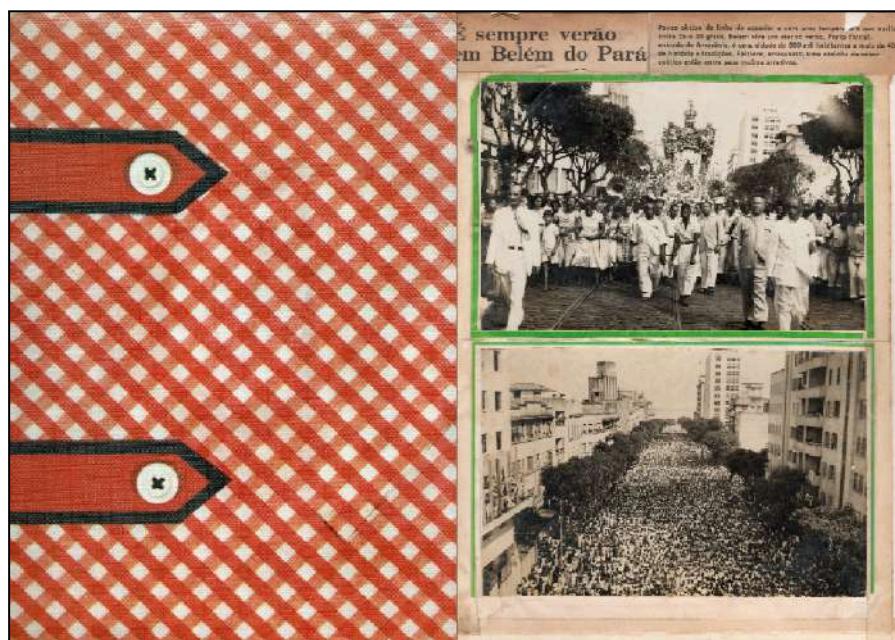
Já a imagem escolhida para o livro *Esteira de Emoções* data de 1994. Não se sabe exatamente quando o livro em questão foi escrito, mas um dos últimos poemas homenageia os netos da autora e a neta caçula nasceu em 1984, portanto estima-se que a autora terminou de escrever este segundo livro por volta dos anos 1980. Apesar da foto escolhida para a capa ser de alguns anos depois, ainda é de um período próximo ao que seriam os anos finais em que *Esteira de Emoções* foi escrito. Além disso, na foto em questão, Maria José aparece sentada em uma cadeira cercada por flores olhando ao longe, como se refletisse sobre os anos que passaram e a sua vida.

Além dos retratos das capas, há também imagens no miolo do livro. Assim como nas fotografias da capa, era desejado que as figuras do miolo representassem bem a vida da autora e alguns dos acontecimentos narrados ao longo dos livros. Para isso, escolheu-se colocar imagens escaneadas de álbuns que a própria Maria José montava com fotos e recortes de revistas e jornais. Há alguns desses álbuns guardados pela família, e foram escolhidas algumas páginas que evidenciassem lugares, momentos e pessoas importantes para a vida da autora. Além disso, foram colocadas também duas imagens que serviram como espécie de divisória entre os textos e esta pequena seleção de imagens; elas são imagens escaneadas da

capa e quarta capa de um dos álbuns de Maria José. Assim, foi formada uma espécie de mini álbum no miolo do livro.

Foi feita uma seleção de seis páginas desses álbuns para o livro. A primeira delas é uma colagem com imagens referentes a Belém do Pará, cidade natal de Maria José. Em seguida, vem uma colagem com alguns retratos da própria autora, inclusive um deles parece ter sido tirado no mesmo dia da imagem que foi escolhida para a capa do livro *Vitória Régia*. A próxima colagem apresenta fotos da família: há fotos 3x4 cm de sua mãe e abaixo mais duas fotos 3x4 cm de um homem chamado Aristides, cunhado de Maria José; em outras fotos desta página, ela posa com as irmãs e o pai. Na página seguinte, há uma grande imagem em que mostra Maria José e Edgard. Eles não possuíam muitas fotos juntos, inclusive essa foi uma das únicas encontradas em que o casal aparece na mesma fotografia e eles não aparecem sozinhos, há outras pessoas na imagem: Edgard está cumprimentando outro homem enquanto Maria José e outras pessoas observam. Era a despedida dele do comando do 17º Batalhão de Caçadores de Corumbá. Depois, há uma colagem em homenagem à cidade de São Paulo, para onde o casal se mudou após o tempo que passaram em Corumbá. Em meio a algumas fotos da cidade, há também uma fotografia de Edgard. A última colagem apresenta fotos de Edgard Filho e Magnólia, filhos do casal. Também há um espaço dedicado para Sissi, cachorrinha de Magnólia que Maria José cuidou quando a filha se mudou para o exterior; inclusive há um poema dedicado a Sissi no livro *Esteira de Emoções*.

Figura 30 – Primeira dupla de imagens presente no miolo do livro



Fonte: Produção da autora, 2023.

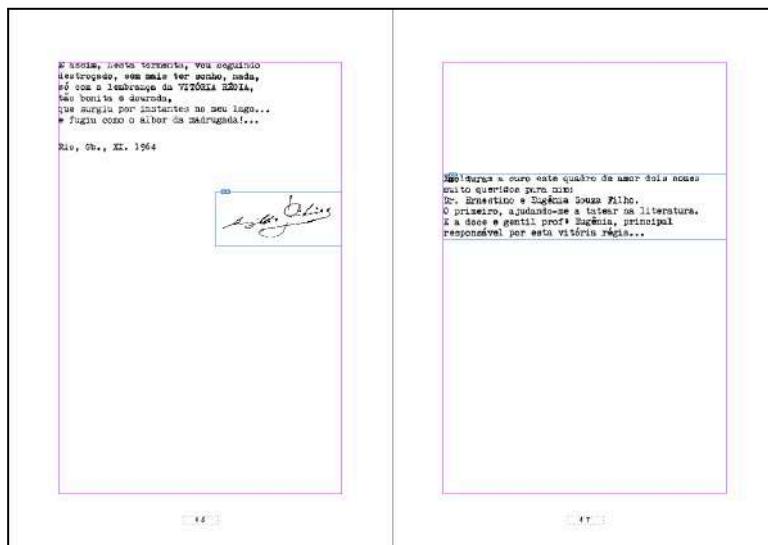
Figura 31 – Segunda dupla de imagens presente no miolo do livro



Fonte: Produção da autora, 2023.

Outro elemento imagético que aparece no miolo do livro além dos poemas é a assinatura de Anazildo Ribeiro. Esta assinatura está presente na última edição que foi impressa dos livros *Vitória Régia* e *Esteira de Emoções* e decidiu-se escanear a assinatura para que ela estivesse presente nessa edição também, logo após o fim do poema que Anazildo escreveu, o “Vitória Régia do meu lago”.

Figura 32 – Assinatura de Anazildo Ribeiro no poema “Vitória Régia do meu lago”



Fonte: Produção da autora, 2023.

7. DIMENSÃO CROMÁTICA

Com relação a cores no projeto, há alguns pontos que podem ser abordados. Primeiramente, relativo à cor do texto, todo o texto do miolo e também da capa está em preto. Escolheu-se por escanear as folhas datilografadas em preto e branco ao invés da opção colorida do escâner, pois a opção em preto dava mais contraste ao texto e uma unidade maior ao todo. O texto em preto também funcionou melhor em contraste com a cor do papel escolhido para o miolo, o Pólen Bold. Esse papel tem cor amarelada, sendo mais agradável aos olhos, e funciona muito bem nas páginas de texto. O Pólen Bold foi o único material utilizado no miolo, o que significa que ele também é o papel usado nas páginas de imagem. Não foi possível fazer um caderno separado apenas com as imagens, como geralmente é feito no mercado editorial; é comum ter um único caderno com material diferente, geralmente um papel branco, apenas para as imagens do livro, para que as cores apareçam mais vívidas e a cor do papel não influencie na cor das imagens. No entanto, foi exatamente isso que ocorreu neste projeto em questão. O papel amarelado consequentemente deixou as imagens também amareladas, mas esse ponto não foi visto como um problema; inclusive o papel remete às páginas dos álbuns antigos de fotografia que pertenciam a Maria José. O material utilizado para a capa foi um Opaline de cor branca. Diferentemente do miolo, era desejado que as cores das imagens na capa aparecessem de forma mais vívida e chamativa, o que é possível com o papel Opaline.

Outro elemento importante que traz uma nova camada de cor para o projeto é a cor da linha utilizada na encadernação. Como o tipo de encadernação escolhido ocasiona em uma costura aparente, a escolha da linha era uma decisão importante e, por conta disso, decidiu-se por trazer mais um ponto de cor através deste elemento. Assim, foi definido que a linha seria de cor vermelha. Essa cor, além de remeter à capa do álbum que aparece no miolo do livro, é também uma cor que Maria José gostava muito. Ela possuía diversas roupas na cor vermelha, sua Hermes Baby era desta cor e essa era também a cor de sua planta preferida, o bico-de-papagaio, também conhecido como Flor do Natal.

Figura 33 – Maria José com Flor do Natal



Edgard Filho, à esquerda, e Maria José Garcia, à direita, posam atrás de mesa com ceia de Natal ao lado da planta bico-de-papagaio.

Fonte: Acervo pessoal de Maria José Garcia, S. d.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, novamente, tomo a liberdade de escrever em primeira pessoa. Desenvolver este projeto foi um desafio e tanto, digo isso como estudante de Editoração e também como bisneta de Maria José Garcia, mas foi um trabalho muito gratificante. Pude conversar com familiares, perguntar sobre a história da minha bisavó e entender aspectos sobre a vida dela que não saberia se não fosse por este trabalho. Conseguí enxergá-la para além das memórias que cultivei dela e vê-la como a mulher independente que ela foi, que tomava as próprias decisões, indo na contramão das construções sociais de sua época e, por vezes, até mesmo da opinião de seus filhos. Contudo, pude perceber que a liberdade para Maria José, ou Zezé, era uma das coisas que ela mais valorizou em vida.

Além disso, este trabalho permitiu-me adentrar no mundo das publicações independentes e das edições artesanais, um universo que já me interessava anteriormente e que eu pude explorar ainda mais ao longo das pesquisas que realizei para o trabalho. Vejo também o ofício do editor independente, encadernador e dos fazedores de livro manuais com muito mais empatia e apreço do que antes, pois pude me colocar no lugar deles em pelo menos uma parte do processo, o de criação de um projeto. Sei que o trabalho desses profissionais vai muito além do fazer editorial, eles são também vendedores, ‘marqueteiros’, profissionais de logística e supervisores de estoque de seus próprios livros, para citar algumas funções que esses editores também podem ocupar para poderem vender e divulgar seus projetos.

Assim como Maria José Garcia, esses profissionais também estão na contramão do mercado, como foi citado ao longo deste trabalho, seja por meio da publicação e impressão de pequenas tiragens de um título, investimento em diferentes formas de fazer o livro, como tipos de impressões artesanais, encadernação manual, ilustrações por meios pouco convencionais ou também da aposta em autores estreantes, para citar alguns pontos. Além disso, esse último ponto foi comprovado por meio dos finalistas do prêmio Jabuti na nova categoria criada neste ano de 2023, Escritor Estreante, em que as editoras dos títulos finalistas são praticamente todas pequenas ou independentes. Um dos finalistas, inclusive, é uma obra independente, publicada de forma completamente autônoma pela própria autora, Livia Milanez (Finalistas, 2023).

Obras independentes e artesanais são um sopro de ar fresco neste mercado e mostram que ainda há, sim, espaço para inventividade e criatividade na hora de fazer um livro. Acredito que pude trazer um pouco disso no meu projeto, principalmente com a escolha de datilografar o texto, o que trouxe uma camada afetiva para o trabalho e me permitiu experienciar uma forma de escrita que eu não havia tido contato anteriormente.

Penso ter cumprido com o meu objetivo de fazer um resgate de memória da vida de Maria José, minha vó Zezé, através da reedição que produzi dos livros escritos por ela, respeitando o texto original e representando alguns aspectos da vida dela por meio de elementos presentes no livro, além de pessoalmente também ter aprendido muito no decorrer da execução deste trabalho. Espero que a minha edição faça jus à história de Maria José e que seja digna de seus textos. Foi uma honra para mim ter produzido essa edição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARICO José da Cunha – Academia Maranhense de Letras. Disponível em: <https://academiamaranhense.org.br/fundadores/alarico-da-cunha/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

APRESENTAÇÃO Clube Paulistano. Disponível em: <https://www.paulistano.org.br/club-athletico-paulistano-apresentacao/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

BARROS, Deyvis. *A resistência dos bravos indígenas “Tapuias” contra a ocupação portuguesa no sertão nordestino*. 12 nov. 2019. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/a-resistencia-dos-bravos-indios-tapuias-contra-a-ocupacao-portuguesa-no-sertao-nordestino/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

BOWKER, Rob. 1969 *Olivetti Linea 88*. 10 abr. 2013. Disponível em: <https://typewriterdatabase.com/1969-olivetti-linea-88.1131.typewriter>. Acesso em: 5 dez. 2023.

BREDA, Tadeu. *Bolsonaro Genocida*. São Paulo: Elefante, 2021.

CRENI, Gisela. *Editores Artesanais Brasileiros*. São Paulo: Autêntica, 2013.

CYTRYNOWICZ, RONEY. *A história de um clube do livro com 800 mil sócios*. 7 dez. 2012. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2012/12/07/71420-a-historia-de-um-clube-do-livro-com-800-mil-socios>. Acesso em: 3 dez. 2023.

DYLMA Cunha de Oliveira - Rio de Janeiro, via Porto Alegre. Disponível em: <https://falandodetrova.com.br/dylma>. Acesso em: 8 dez. 2023.

FEIRA Miolo(s) termina 10ª edição com cerca de dez mil visitantes. 10 nov. 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/11/10/feira-miolo-termina-10-edicao-com-cerca-de-dez-mil-visitantes>. Acesso em: 3 dez. 2023.

FINALISTAS | 65º Prêmio Jabuti. 2023. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/selecionados/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

GARCIA, Maria José. *Vitória Régia*. Sociedade Cultural e Artística Brasileira, S. d.a.

_____. *Vitória Régia / Esteira de Emoções*. S. d.b.

LOBATO, Elvira. *As normalistas que sobreviveram*. 25 abr. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/as-normalistas-que-sobreviveram/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é Fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARTINS FILHO, Plinio. *Manual de Editoração e Estilo*. São Paulo: Edusp/Ed. da Unicamp/Editora UFMG, 2016.

MENZI, Renate. *Typewriter, Hermes Baby, 1935*. 2009. Disponível em: <https://www.eguide.ch/en/objekt/hermes-baby/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

NETO, Nelson. Cartilha para Fechamento de Arquivo. 2013. Disponível em: <https://reproset.com.br/wp-content/uploads/2017/11/Cartilha-Fechamento-Arquivo-Reproset2013.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2023.

NIKOU, Dimitris. *1969 Hermes Baby*. 22 out. 2023. Disponível em: <https://typewriterdatabase.com/1969-hermes-baby.21505.typewriter#description>. Acesso em: 3 dez. 2023.

OBRA com uso de inteligência artificial é desclassificada do Prêmio Jabuti. 10 nov. 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/11/10/obra-com-uso-de-inteligencia-artificial-e-desclassificada-do-premio-jabuti>. Acesso em: 7 dez. 2023.

OLIVEIRA, Amanda; OTTO, Isabella. *A linha do tempo do feminismo no Brasil de 1827 a 2023*. 8 mar. 2023. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/sociedade/a-linha-do-tempo-do-feminismo-no-brasil-de-1827-a-2023/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

OLIVEIRA Typewriter – Imagens. Disponível em: <https://www.maquinasantigasdeescrever.com.br/imagens.html>. Acesso em: 4 dez. 2023.

RÁMA, Nilza Dânia da Conceição. *O significado das formas geométricas no design*. Disponível em: <https://www.dezaine.co.mz/inicio/o-significado-das-formas-geometricas-no-design>. Acesso em: 8 dez. 2023.

RAMOS, María. *Typewriter/Typeface*: The Legacy of the Writing Machine in Type Design. 12 jul. 2016. Disponível em: <https://typographica.org/on-typography/typewriter-typeface-the-legacy-of-the-writing-machine-in-type-design>. Acesso em: 3 dez. 2023.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Bairro e Memória: Umarizal das vacarias aos espiões (Belém, 1950/2000). In: ANAIS DO XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364935740_ARQUIVO_BairroeMemoriaUmarizaldasvacariasaoespigoes._Belem,19502000_.pdf. Acesso em: 3 dez. 2023.

SANTOS, Carlinhos. *Livro com poemas datilografado inspira o amor manuscrito*. 12 jun. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2016/06/livro-com-poemas-datilografado-inspira-o-amor-manuscrito-5935809.html>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SAYER, Erin. 1972 Hermes Baby. 30 out. 2014. Disponível em: <https://typewriterdatabase.com/1972-hermes-baby.3583.typewriter>. Acesso em: 3 dez. 2023.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Ecdótica*. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

SNO, Márcio. *Na Linha de Frente*: Relatos, Reflexões e Experimentações sobre Oficinas de Zines. 2. ed. [S. l.]: Márcio Sno Produções/Marca de Fantasia, 2022.

VEJA como foi a fundação de Belém em 1616 e conheça sua história. 9 jan. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/belem-400-anos/noticia/2016/01/veja-como-foi-fundacao-de-belem-em-1616-e-conheca-sua-historia.html>. Acesso em: 3 dez. 2023.

VERANO, Paulo. Entre as corporações e os caminhos independentes: o mercado editorial em tempos ambivalentes. In: DEAECTO, Marisa Midori; PIQUEIRA, Gustavo. *Bibliodiversidade e Preço do Livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.

VIGNY, Magnólia de Albuquerque Maranhão. Entrevista concedida a Luiza Badra de Albuquerque Maranhão. 25 set. 2022. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste trabalho]

ZACHARIAS, Brenda. *Entenda quem foram os bandeirantes e por que eles são homenageados em São Paulo*. 23 jun. 2020. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/entenda-quem-foram-os-bandeirantes-e-por-que-eles-sao-homenageados-em-sao-paulo,e4a454ef74a66ac515e37a6a2e15b292b9drni4k.html?utm_source=clipboard.

Acesso em: 3 dez. 2023.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MAGNÓLIA VIGNY

Entrevista com Magnólia [Mag] concedida a Luiza Badra de Albuquerque Maranhão em 25 de setembro de 2022 de forma online. Mag estava em sua casa na Suíça e Luiza em sua casa em São Paulo.

Luiza: Bom, eu tinha separado algumas perguntas mais ou menos, mas também se você quiser pode falar o que você lembrar se vier alguma coisa na sua cabeça. Não sei se você sabe, mas eu queria saber se você sabe alguma coisa da infância dela, de onde ela morou, onde estudou, alguma coisa assim.

Mag: Eu não sei muita coisa, mas eu sei que ela morava em Belém do Pará e o que eu sei uma curiosidade é que ela dormia em rede naquela época. Ela fez a escola que chamava Escola Normal, que era de professora primária. Eu sei mais isso. Da infância dela não, não lembro nem da minha, não tenho lembrança que ela tenha falado não. Ela falava mais da época dela já adulta, de ter encontrado com meu pai. Ela trabalhava num jornal. Ela fez a escola normal para ser professora, mas trabalhava no jornal encontrou com ele, eu acho que nesse jornal onde ela trabalhava. Eu não sei muita coisa não, mas ela morava em Belém, ela falava muito das árvores, das mangueiras que dava. Ela falava mais das comidas, lembrava nomes de frutas. Tinha uma coisa engraçada que ela dizia que quando ela foi morar em Mato Grosso, ela nunca tinha comido morango e que tinha alguém na rua vendendo e que gritava “morango! morango!”, é o que ela tava entendendo, né? E ela foi e comprou e na realidade era moranga, que é uma abóbora. E ela ficou boba de ver morango tão grande assim. Então ela falava muito dessas especificidades assim, nas diferenças de comida, de termos. Infância, de quando ela era criança, ela falava mais do pai dela, parece que era uma ótima pessoa, ela falava com muito carinho do pai. A mãe já era sertaneja, sabe? Dura assim... Eu conheci muito pouco minha avó. Mas ela parecia ser muito ligada com o pai dela, que era espanhol, aliás, o meu avô. E ela dizia que ele era uma pessoa boníssima, ela gostava muito dele.

Luiza: E aí então ela morava com eles lá em uma casa...?

Mag: Morava numa casa, dormia em rede, quer dizer, eram pessoas simples, mas eu acho que ela teve a oportunidade de estudar porque conseguiu fazer a escola normal, a escola para ser professora. Não me lembro de histórias dela ter dado aula, eu acho que ela foi trabalhar como

jornalista mesmo e por isso que ela escrevia bem e que começou a fazer poesias. E ela saiu de lá porque encontrou com o meu pai e foi embora de lá para São Paulo ou para Mato Grosso direto, acho que foi para Mato Grosso.

Luiza: É, acho que os meus pais tinham falado disso, acho que foi para Mato Grosso, pelo que eles tinham falado. Então, você sabe mais ou menos como foi que eles se conheceram?

Mag: Que eu saiba foi assim: foi nesse jornal que ela encontrou, ela trabalhando encontrou com ele, ele tinha 20 anos a mais do que ela exatamente. E ela dizia que foi aquela paixão e que aí resolveram vir embora porque ele era casado. Aliás, eu descobri quando eu fui para aí em abril que eu vi a minha meia irmã, que ele nem era casado com a mãe dela, a mãe dela já era a segunda, tinha tido uma outra antes. Eu tava certa que a mãe dela tinha sido a primeira oficial, e na realidade ela me disse: "Não, não, minha mãe já foi a segunda, com quem ele foi casado mesmo foi antes da minha mãe", quer dizer, eu nem sei quem é. Era um homem mulherengo, o meu pai. Mas a minha mãe era apaixonadíssima por ele, e ele, pelo visto, também por ela. Eles foram embora e viveram muito bem juntos durante 20 anos, até ele morrer.

Luiza: A gente estava fazendo as contas que ele tinha 20 anos a mais do que ela e ele morreu acho que com 58.

Mag: Ele morreu com 58, ela tinha 38 anos, exatamente. E eu lembro que eu achava que ela era velha, com 38 anos, é incrível como tudo é relativo.

Luiza: Aí então eles foram para Mato Grosso, onde você e o meu vô nasceram?

Mag: Eu nasci em São Paulo e o seu avô também porque ela foi pra São Paulo para dar à luz, foi o que ela contava. Meu pai era Comandante em Mato Grosso. Agora eu já não sei, ele foi em Campo Grande, mas quando eu nasci ele era Comandante em Corumbá. Eu acho que tinham medo que a cidade era muito pequena, não sei, e ela foi para São Paulo. Eu acho que ela tinha facilidade de viajar por ele ser do exército, tomava avião da Força Aérea. Ela foi para São Paulo, pro Edgard, seu avô, nascer e também para mim. Aliás, o pai dela... ela foi uma vez para Belém, uma das poucas coisas que eu lembro, porque eu não sabia muito bem onde meu avô morava, mas ele morreu em Belém porque ela contava que ela tomou um

avião, ele morreu ou ele ficou muito doente lá, ela tomou avião com seu avô que tinha um ano só, um avião da FAB, militar. Sabe aqueles que o soldados vão em banco assim de lado um olhando pro outro que a gente vê nos filmes, ela foi sentada assim levou quase um dia inteiro para ir de São Paulo para Belém, com um neném de colo. Eu lembro disso, que o pai tava doente em Belém. Mas enfim, ela foi as duas vezes, pro nascimento do seu avô e meu ela foi para São Paulo e a gente nasceu no mesmo lugar na maternidade Pro Matre, uma que existe ainda.

Luiza: Se foi a Pro Matre, acho que foi lá que eu nasci também.

Mag: Ah é? Então foi isso, a gente nasceu lá, mas nós moramos lá também.

Luiza: Mas ela foi para lá só para vocês nascerem e voltou para Mato Grosso?

Mag: Só para nascerem. Quando eu nasci nós moramos em Corumbá, eu sei que antes eles tinham morado em Campo Grande, ele foi comandante do quartel general em Campo Grande e depois foi Comandante em Corumbá. E nós fomos para São Paulo quando eu tinha cinco ou seis anos, eu acho, para morar em São Paulo.

Luiza: E aí vocês ficaram por São Paulo mesmo?

Mag: E aí nós ficamos em São Paulo. Agora eu não sei se ele ainda era militar em São Paulo, porque ele passou para a reserva e abriu um escritório. Chamava no escritório de representações, quer dizer ele fazia compras representava os fazendeiros Mato Grosso que ele tinha conhecido também.

Luiza: Meus pais falaram disso também. Na época ele comprava coisas em São Paulo e mandava para lá então chamava um escritório de representações. Eu acho que isso eu tinha 5 anos quando eles foram para São Paulo.

Luiza: Entendi, mas vocês ficaram morando lá.

Mag: Ficamos, sempre morei o tempo todo lá.

Luiza: E você, lembra como ela era quando você era criança?

Mag: Olha quando era criança eu não eu não tenho lembrança assim, engracado não tenho lembrança da minha infância, muito pouco assim, do prédio onde eu morava, morava perto da Avenida São João, perto da Rua das Palmeiras, mas depois eu maior, eu adulta, já mais com sua idade, eu lembro dela... Eu até tava pensando sempre era uma mulher muito aberta, muito moderna, sem preconceitos assim com relação a casamento, a namorado, entendeu? Era impressão que eu tinha, muito aberta com os netos, desculpava tudo, não era rígida com nada. Eu vi isso até o fim dela, ela sempre foi meio avançada para idade dela. Ela era muito alegre, era difícil ela realmente fica brava com alguma coisa. Às vezes eu lembro que eu ficava meio irritada, porque ela parecia quase inconsequente, sabe? Tudo tava bom! Teve uns períodos assim que a gente ficou sem dinheiro porque não pagou aluguel direito, mas não tem importância a gente vai dar um jeito, sabe? Meio cigarra e formiga, ela era assim meio cigarra. Sempre foi até o fim, até o fim ela era engracada com a Adriana que cuidava dela... Então numa certa época pude me irritar um pouco com isso porque eu achava que tinha que ser mais séria na vida, mas todo mundo que conhecia ela gostava, meus amigos adoravam... Tem uma amiga que não tava aqui quando vocês vieram, a Fonte, adorava minha mãe porque a mãe dela era muito chata... Ela dizia: "ai sua mãe, como ela era simpática...", ela era realmente. Não é comum, mas todas as minhas amigas conheciam a minha mãe. Ela vivia fazendo vatapá, chamava as amigas da escola de enfermagem para ir em casa. Teve uma uma colega da escola de enfermagem que morou com a gente, a gente sabia que a menina tinha pouco dinheiro, ela vinha do interior, tinha que pagar para morar em São Paulo, ela falou: trouxe para morar aqui. Ela ficou morando em casa, muito generosa, com empregada... Ela não era uma pessoa de esquerda de jeito nenhum. Ela não gostava do Lula, adorava o Fernando Henrique. Sabe da história do Fernando Henrique, que ela dizia que ele queria casar com ela?

Luiza: Não.

Mag: Ela tava em Itararé e ela já tava meio... sabe? De vez em quando ela viajava um pouco, ela dizia para mim: "Ai eu tô tão contente, a Margarida veio hoje aqui com as crianças", mas isso era no fim e não durava muito. Um dia ela me falou: "Você não sabe quem veio aqui e me pediu em casamento", falei: "Quem?", ela disse: "O FHC", e eu nem sabia o que era, falei: "FHC, o que que é isso?", "O Fernando Henrique Cardoso!", "Ah é?", ela disse: "É! Veio aqui e bateu aqui na porta. Imagine só, mas eu não quero, né?", eu ainda falei "Ah, mãe,

mas não pode dizer para o Edgard, ele não vai gostar. Ele ficaria mais contente se fosse o Lula que tivesse te pedido em casamento”, aí ela: “Nem me fala!”. Mas muito engraçada, mesmo nas loucuras dela, não loucuras, mas quando ela tava assim meio ruim, eram engraçadas. Eu lembro também de uma coisa muito, muito legal dela. Porque você sabe que tem muita pessoa idosa que quando fica com problemas de demência começa a achar que todo mundo tá roubando, não acha as coisas e culpa empregada... Isso é comum, eu trabalhei com isso, eu sei, né? E é um negócio muito chato. E um dia eu tava em Itararé, ela falou: “Ai filha, eu tô tão triste, mas tão triste, porque eu perdi aquele anel de brilhante que eu dei para você”. Ela me deu um anel de brilhante que ela deve ter se matado para pagar quando eu tinha 15 anos, com um brilhante, e ela disse: “Eu não acho mais e ele tava em cima de uma cadeira aqui na sala”. Imagine, esse anel eu já tinha dado pra Anne, a Anne já estava casada, e ela disse: “Ele tava em cima de uma cadeira e eu não sei o que que eu fiz com ele, mas eu sei que não foram as meninas [as meninas que cuidavam dela] porque elas são muito boas, não foram elas, fui eu que perdi”. Aí eu expliquei para ela, por sorte eu tinha uma foto do anel, eu falei: “Mãe, é a Anne que tá usando o anel, você não perdeu”. Mas ela não teve aquela história de culpar os outros, eu achei superinteressante, porque isso é comum, de começar a desconfiar de todo mundo. E ela não, ela não. E ela gostava muito da Adriana que cuidava dela. Então eram aspectos dela assim que eu até dizia, puxa, quando era mais nova, eu não entendia muito bem, às vezes ficava meio irritada com esse negócio de ser muito alegre tudo e na realidade é porque era uma boa pessoa, com um coração bom. Talvez não fosse muito ao fundo das coisas assim, né? Muito séria, mas era o jeito dela. E o seu avô ficava irritado, até o fim.

Luiza: Você sabe por que ele não se dava bem com ela?

Mag: Não. Eu nunca soube porquê. Tinha alguma coisa... Aliás, eu vi pouca coisa, quem viu muito mais foi a sua mãe, sua mãe é quem viu mais tudo, porque eu fui... Aliás, quando os seus pais casaram eu já morava aqui. Eu acho que tinha muita briga por causa de política e por coisas bobas, pelo que eu soube, por coisas completamente bobas também. Mas ele tinha alguma coisa com ela que eu não sei o que era, e ficava irritado...

Luiza: A minha mãe falou que a minha avó [Ivete] disse que talvez ele se irritasse com ela ser muito independente. Ele falava de fazer almoço para os netos no domingo, mas ela não

queria fazer isso, ela queria descansar, fazer as coisas dela, ver os amigos, não sei. E aí ele talvez se irritasse por isso, talvez fosse um dos motivos.

Mag: Ele se irritava com muita coisa dela, e não tinha nenhuma proximidade com ela, sempre foi um negócio meio estranho. Eu lembro uma vez quando ela tava no Rio que a gente foi para lá e ele foi também e a gente entrou no apartamento dela, fazia muito tempo que a gente não se via, eu tava morando aqui fazia dois ou três anos, não sei... E ele entrou e ele só dizia: “Oi, mãe”, ele não dava um beijo nela nem nada. E aí no fim, ele cuidou dela, quer dizer ele organizou os cuidados dela lá em Itararé, mas ele não entrava no quarto dela praticamente, ele só entrava quando vocês estavam lá. Como se ele tivesse alguma dificuldade ou o fato de estar com outras pessoas ajudasse... Não sei, também por outro lado, eu fui mais mimada do que ele, não sei se tinha alguma coisa a ver com isso também. Mas minha mãe me dizia que meu pai também era muito ligado a ele, quando ele era criança, porque quando meu pai morreu ele tinha 15 e eu 12. Ela contou, por exemplo, que meu pai quando o seu avô entrou para uma escola, o arquidiocesano, que era meio longe de casa, o seu avô foi vários dias seguidos no ponto do ônibus para ver quando o ônibus passava de manhã para poder levar ele na hora e tudo, então que ele era assim muito investido, mas não sei. Não sei se o fato também de eu ter tido um certo destaque quando eu era criança, que eu trabalhei na televisão, né? Mas eu tenho certeza que não tinha diferença de tratamento entre nós dois, tinha talvez o fato de eu ser menina só, paparicavam um pouco mais, não sei é isso. Mas sentia como se fosse um certo pudor também de não mostrar afeição. Tinha alguma coisa de muito estranha... O dia que minha mãe morreu eu tava lá e ele tinha que ir para São Paulo porque ele tinha uma consulta para a outra história da próstata, e ele tinha que ir. E na hora que ele saiu, ele saiu 11h30 da noite para tomar o ônibus, eu ainda falei: “Edgard, eu acho que tá chegando no fim, você não quer entrar, se despedir dela, entrar no quarto?”, ele falou: “Ai não!”, você via que realmente era muito para ele, sabe? Eu falei tudo bem. Ele saiu, tomou o ônibus, e ela morreu uma hora depois. Eu não acredito nessas coisas, mas como se, sei lá... como se estivesse esperando, entendeu? Que fosse bom para ele e para ela não estarem ali, foi uma hora depois, na parada do ônibus eu consegui falar com ele. Mas tinha tinha um certo pudor, mas tem muito homem que é assim também, né? Que não gosta de ver doente, morto... Mas tinha problema, eu não vivi as grandes brigas, tudo isso, eu não vivi, a sua mãe é quem conhece mais do que eu. Mas minha mãe adorava a sua mãe, você, agora ela tinha umas implicâncias, né?

Luiza: Eu lembro quando eu ia lá para Itararé, ela sempre me perguntava: “E aí, quando vai casar?”, eu com 12 anos.

Mag: Ah, ela tinha mesmo essa história, de casamento todo mundo tinha que ter namorado, muito engraçado. Mas ela era alegre, era uma pessoa, como dizem, de bem com a vida.

Luiza: Mas então vocês moraram em São Paulo... por que ela morou no Rio também, né?

Mag: Primeiro ela foi morar com vocês ou foi depois do Rio? Não, não, primeiro ela foi morar com vocês. Eu não estou lembrando, acho que ela morou duas vezes no Rio, não?

Luiza: Eu sei que ela morou antes dela morar com a gente porque tinha dois cartões postais que ela mandou do Rio para os netos, para o meu pai, tio Edinho e tia Camila, e aí ela tava falando: “Para vocês irem me visitar aqui no Rio...”. Então, acho que ela morou antes, não sei se eles eram crianças, adolescente...

Mag: Você tem razão, ela foi morar no Rio quando eles eram se separaram, quando o seu avô se separou da sua vó Ivete, ela dizia: “Que confusão, vou estar melhor no Rio”. Depois, ela voltou para São Paulo e foi morar com vocês, foi isso?

Luiza: Aí eu não sei exatamente.

Mag: Eu acho que foi, ela foi morar com vocês e depois ela mudou de novo. Lá para onde a gente morava antes, eu acho que foi isso. Acho que ela mudou de novo para perto, vocês estavam na Barão de Tatuí e ela devia estar ali na Ladeira Barros. E aí ela voltou para o Rio, mas aí quando ela voltou para o Rio, já foi bem depois, ela já tava doente, tinha dificuldade para andar... Doente não, tava com problema de mobilidade. E ela foi brigada com seu avô, porque a irmã dela... ela tem uma irmã que ainda tá viva hoje. Eu sei que a irmã tinha dito para ela: “vem pro Rio que aqui vamos poder cuidar de você, aqui os médicos vão poder de cuidar de você...” e na realidade o que ela tinha era artrose que operava, o que ela não queria, ou ficava assim mesmo, né? Mas aí ela voltou para o Rio brigada com o seu avô e foi de táxi... Isso eu lembro, tomou um táxi de São Paulo para o Rio. E eu lembro que eu fiquei brava também, porque eu sabia que o Rio de Janeiro não ia ser melhor para ela nem nada, mas ela ficou lá eu fui vê-la, tudo. Até ela passar mal e foi quando o seu avô tava aqui que ele

teve um infarto aqui e ele disse para ela que tinha tido um infarto e ela teve um edema pulmonar, ao mesmo tempo, tava um internado aqui e ela na UTI. E isso foi em 2009, isso eu lembro. Foi antes da Paula chegar, né? Foi em 2009, eu me aposentei e ela ficou doente lá e ele aqui.

Luiza: Entendi.

Mag: Foi em 2009, quando eu me aposentei.

Luiza: E ela gostava do Rio?

Mag: Ela gostava muito do Rio. Ela gostava por causa disso, ela gostava da praia, ela gostava de gente alegre. É nesse ponto que ela era meio assim, que parecia que ela tava meio fora da realidade com certas coisas, entendeu? Ela tava sempre alegre, ela achava que o mundo era uma maravilha e às vezes não era bem assim não, mas ela gostava muito do Rio. Ela morou na Barra da Tijuca, ia pra praia todo dia, mas a última vez que ela foi pro Rio ela não saía mais de casa, ela ficou naquele apartamento e caiu.

Luiza: Sim... A gente foi para lá também. Acho que foi no fim do ano de 2008 e a gente passou o ano novo de 2009 lá.

Mag: Eu passei o ano novo lá com o seu pai, mas não era casada ainda. E todo mundo teve uma intoxicação com a prima. É a prima, a irmã dela que mora no Rio, que mora até hoje, é a irmã mais nova, mas que deve estar com 92 ou 94 agora. E ela tem duas filhas que são primas nossas, né? Uma é a Kátia. Eu já falei da Kátia, casada com Marcelo. E ela gostava muito da Kátia, porque a Kátia também é como ela. Então ela foi morar lá dizendo que ela ia ficar perto da irmã dela e dessa sobrinha. Mas a irmã até hoje vive lá e o seu avô tinha brigado com ela também, porque ela que fez minha mãe ir para lá, eu não briguei, na hora eu achei que não era o que precisava fazer, mas enfim... Ela morou duas vezes lá no Rio.

Luiza: E você sabe... Porque você disse que ela trabalhou no jornal, mas a gente achou como se fosse um documento de plano de saúde de uma imobiliária. Acho que ela trabalhou lá, e meus pais também falaram que ela trabalhou no Círculo do Livro, no Clube Paulistano...

Mag: Sim, isso que eu ia dizer, no Círculo do Livro ela vendia livros em São Paulo, isso eu já morava aqui, isso já foi mais tarde, no Paulistano ela trabalhou na recepção. Ela trabalhava assim quando... mas isso acho que foi logo que eu vim para cá, eu devia ter uns 30 anos por aí, eu não sei até quando ela trabalhou, mas ela trabalhou, sim. Imobiliária, eu não lembro, mas Círculo do Livro eu lembro muito bem, e do Paulistano também. Ela tinha amigas, tudo, ela era muito sociável. Agora, ela gostava só de falar brincadeira, sabe?

Luiza: Você disse que ela trabalhou como jornalista e talvez por isso ela gostasse de escrever, escrever poesia. E ela lia também? Você lembra dela lendo?

Mag: Lia, ela gostava muito de ler, pelo menos quando era mais jovem, quando eu estava lá, que eu conhecia, gostava muito de ler.

Luiza: Você lembra de algum livro talvez... que você lembre dela lendo ou que ela tenha comentado?

Mag: Olha, eu não lembro... eu lembro de um livro que tinha na biblioteca dela, mas que era uma curiosidade que chamava *O Homem Que Calculava*. Esse livro é editado ainda?

Luiza: Sim, é famoso esse.

Mag: Malban Tahan? Então, eu nunca mais vi esse livro.

Luiza: Sim, ele é bem famoso ainda.

Mag: Eu lembro desse livro na biblioteca dela. Mas eu sei que era uma pessoa que gostava de ler. O que pode dizer dela... é uma pessoa culta, uma pessoa educada, apesar de ter vindo de um meio simples. A mãe dela era muito mal educada. A mãe dela era uma pessoa assim rústica, do sertão mesmo, ela mesma dizia. Já o pai não, o pai era uma pessoa assim mais educada. Eu lembro que ele tinha olhos azuis, um espanhol de olhos azuis. E as irmãs dela tinha duas, né? Uma em Brasília que morreu antes dela e uma das filhas dela, eu gosto muito dela, Ivana, ela chama, muito muito boazinha. E a outra é a do Rio de Janeiro que até hoje está lá,

Luiza: Que a mãe da Kátia... Você lembra de hobbies que ela tinha, ou coisas que ela gostava de fazer. Eu lembro que ela fez um vestido para mim quando eu era criança.

Mag: Ela gostava de costurar, ela fez um vestido para você? Ela gostava de cozinhar, gostava de costurar, mas ela sempre foi uma mulher independente para frente, que achava que mulher tinha que estudar, entendeu? Acho que por isso que ela, comigo... eu não aprendi a fazer nada em casa de tanto que ela não queria que eu seguisse o modelo tradicional da mulher que fica em casa, sabe? Quer dizer, ela sempre foi muito muito avançada nesse sentido, aliás, o meu pai também. Porque meu pai que atualmente teria 120 anos, quando eu era pequena ele dizia: essa menina um dia vai ser advogada. Você imagina, naquela época, achar que uma mulher podia ser advogada? Quer dizer, é porque já tinha uma mentalidade bem aberta, né? Ela fez umas roupinhas para um coelhinho da Anne que a gente tem até hoje. Um coelhinho que ela gostava, o coelhinho tinha um aventalzinho e ela fez dois ou três para ele a mais, pro coelhinho. E ela era com a Anne... ela via pouco a Anne, né? Mas quando ela via ficava grudada nela, ficava vendo desenho animado com ela, ela foi uma boa avó para a Anne. E a Anne foi vê-la quando ela tava em Itararé, já no ano que ela casou a Anne passou, em 2012, ela passou lá para vê-la. Ela ficou super feliz.

Luiza: Você sabe coisas que ela gostava de comer?

Mag: De comer, ela adorava camarão, risoto de camarão e ela fazia muito bem. Eu acho que era o que ela mais comia quando a gente ia em restaurante era camarão. Se não, as coisas do Norte que ela gostava, né? Açaí... A sua mãe é quem encontrava umas coisas para ela em São Paulo e dava para ela. E também ela era muito muito católica, minha mãe. Não era católica de ir na missa, essas coisas, ela não era não, mas ela era muito apegada à religião e tinha um uma festa religiosa, eu acho que tem ainda, o Círio de Nazaré. E sua mãe foi com ela

Luiza: Sim, eu lembro de ir também, inclusive eu acho que agora no começo de outubro.

Mag: Ela era muito apegada. Mas você vê, ao mesmo tempo, ela não era uma pessoa radical. Por exemplo, a mãe do Sam é muito católica e ela ficou indignada que a Anne e o Sam não casaram na igreja e não batizaram o Charles. Foi o meu caso, eu não casei na igreja e não fui batizada, minha mãe nunca teve o menor problema com isso, nunca. A mãe do Sam teve muito problema com isso, insistiu muito, brigou... Minha mãe não era assim, ela era uma

pessoa assim que queria que as pessoas estivessem bem, não era exigente com nada. Esse era um lado muito bom dela.

Luiza: Eu lembro que ela gostava muito de quindim. A gente ia visitar ela de domingo e do lado do prédio dela tinha aquelas casas do Pão de Queijo, alguma coisa assim, aí a gente a gente ia lá e comprava quindim para ela.

Mag: Não lembrava do quindim. Mas é verdade, eu adoro quindim. Faz muito tempo que eu não como. Mas se não, camarão. Eu lembro que ela gostava muito de camarão.

Luiza: E o uísque, né?

Mag: E o uísque, que nos últimos anos ela deixou completamente. Eu até perguntei para ela nos últimos anos, se ela queria tomar um golinho de uísque, mas ela não quis mais. Mas ela colocava um monte de água, o que não muda nada porque a quantidade era a mesma, né? E ela dizia: “não, mas tem muita água, mas não muda nada...”. E eu não me lembro de ter visto ela bêbada e eu acho que realmente ela não tinha uma dependência do álcool, porque quando ficou doente, ela parou do dia para noite. Eu acho que ela bebia por prazer mesmo. E o meu pai gostava de uísque. Eu tomo de vez em quando, mas só eu, o Jean Marc não toma. O Sam gosta de uísque, só que ele gosta de um uísque assim super diferente, super caro, aí eu não posso colocar gelo, aí não tem graça.

Luiza: Eu lembro também que ela comia mamão. Lembro do mamão cortado na metade dentro de um copo.

Mag: Isso mesmo, ela comeu por muito tempo mamão, eu acho que ela comia ainda em Itararé e abacate, ela adorava abacate também. É você que lembra mais alguns detalhes assim que eu não lembro.

Luiza: É que eu não lembro muito de conversar com ela ou dela contar coisas, mas eu lembro de ir na casa dela e ver algumas coisas ou quando visitava em Itararé também.

Mag: E outra coisa que ela adorava, os álbuns de fotografia, tudo muito arrumado, muito organizado, ela adorava isso.

Luiza: E fazer as colagens, né?

Mag: Ela sempre foi muito organizada. O que ela gostava também era de novela na televisão, né? Nos últimos anos eu via novela com ela. Durante alguns anos eu fui três vezes por ano e aí eu via um pedacinho da novela. Aí eu voltava ainda tava passando a novela, eu via com ela e com a Adriana, dava muita risada com os comentários dela. Mas ela também não queria ver violência, ela queria ver coisa alegre na televisão. Parece que ela fugia um pouco da realidade, mas melhor assim do que viver de mau humor, criticando.

Luiza: Ela sabia falar francês também ou não?

Mag: Olha ela se virava um pouco, viu? De tanto ouvir, como ela veio várias vezes para cá e tava acostumada a ver o Jean Marc também. Ela gostava muito do Jean Marc porque o Jean Marc também é calmo, não reclama... Ela gostava de fazer comida para ele e para Anne, ela vinha, eu ia trabalhar e ela dizia: é uma beleza dar comida para eles, eles comem tudo que eu faço (e comem mesmo, o Charles também é assim). Mas ela falava umas palavras, sim. Ela andou estudando francês aí no Brasil, ela teve umas aulas aí, não lembro quando. A gente foi para Paris pelo menos umas duas vezes. Eu fui para Londres com ela também. A última vez que ela veio ela tinha 75 anos. A gente festejou 75 anos dela aqui. E eu fico pensando na minha idade eu tava dizendo coitada dela, porque eu levei ela para Paris com uma amiga, com a Anne que era adolescente, com uma amiga da Anne e a gente andou naquela correria lá e fomos para a Disneylândia, mas ela não foi, ela voltou de Paris, aliás, voltou sozinha para cá e eu fui para Londres, quer dizer, como é que ela aguentou? Porque eu acho que foi pior do que com vocês, viu? Porque com vocês eu parava ficava quieta ali, com ela eu acho que a coitada não parou não, mas ela aguentou ela andou muito da última vez que ela veio. Ela veio várias vezes para cá, ela gostava de vir, no verão sempre, no inverno não, ela morria de frio já em São Paulo, né?

Luiza: Mas ela viajava sozinha, né? De avião...

Mag: Viajava, nunca teve problema para vir para cá sozinha. Eu tenho uma amiga professora da Raiz, ela tá aqui há 10 anos ou 12 anos, tem duas meninas que nasceram aqui, a mãe dela nunca veio para cá porque tem medo de andar de avião, nem com uma pessoa junto com ela,

nem é questão de ir sozinha, nunca veio. É uma pena né? Minha mãe não gostava de avião, tinha medo, mas ela vinha sozinha.

Luiza: Minha mãe contou, acho que você que estava falando para ela, que a mala dela [Maria José] nunca chegava e aí no dia que ela chegou com a mala a mala não era dela.

Mag: Não era dela! Essa foi muito engraçada. Acho que duas vezes a mala dela não chegou, duas ou três, e no dia que ela chegou a gente falou: “Ai que bom, né?”. Chegamos em casa, paramos, pegou a mala, daqui a pouco toca o telefone: o aeroporto. Dizendo: “Por acaso a senhora já viu a mala? Veja a etiqueta que tá aí”. Porque tinha sobrado uma mala lá do vôo dela e era a mala dela que tava sobrando e a pessoa que tava sem mala, a mala dela tava aqui. [risos] Chegou a mala, mas era de outra pessoa, foi muito engraçado. Mas ela nunca teve problema para viajar, não. Você imagina, para quem viajou no avião da FAB sozinha com nem e levou o dia inteiro... Vir para cá é mole , né?

Luiza: Eu tava conversando com a minha mãe, a gente tava lendo livro... porque a minha mãe disse que lembrava das coisas que ela contava além do livro. Depois que o Edgard morre, o seu pai, tem um poema que ela escreveu que ela se apaixonou de novo. Você sabe quem era?

Mag: Ela teve um caso sério com um japonês. Será que é ele? E ela acabou brigando, mas eu acho que foi mais porque nós atrapalhamos muito, o seu avô e eu. Pode ser... Acho estranho ela dizer que tenha se apaixonado porque eu tinha a impressão que a história com um japonês... Não tinha a impressão que era uma paixão, não, o cara era meio devagar, era bonzinho, ele era bonzinho! Será que ela teve alguma outra paixão que eu não sei? Não sei. Mas o japonês queria casar com ela, Hiroki, ele chama. Mas paixão acho estranho, não sei não.

Luiza: Mas então foi quando você ainda estava no Brasil?

Mag: Foi, eu era adolescente. Eu vim para cá, definitivamente... Eu vim a primeira vez, só o seu pai tinha nascido, mas aí eu voltei para o Brasil. A segunda vez que eu vim definitivamente foi quando a Camila nasceu, foi 1978. Ela nasceu em 1977, eu acho. Eu vim

em 1978, ela era bebezinha. A história com Hiroki, eu morava no Brasil. A primeira vez eu tinha 23 anos.

Luiza: E também tinha um poema sobre a Sissi.

Mag: A Sissi? Era a nossa cachorra. Uma vira-lata, era minha. E isso já era adulta, porque eu vim embora e a Sissi ficou lá com ela. E eu lembro que quando eu voltei a Sissi latiu para mim, não me reconhecia... Mas a Sissi morreu vários anos depois quando eu já tava... Olha, seu pai já tinha nascido... Eu morei uma época lá com a sua avó e o seu avô na vila, eu fiquei uns meses lá, eu acho que foi nessa época que a Sissi morreu, mas ficou com ela, ela que cuidou. É coisa comum, jovem tem cachorro e depois deixa para os pais e vai embora.

Luiza: Mas ela gostava da Sissi?

Mag: Gostava demais, ela gostava de cachorro. Aqui tinha um gato, uma das épocas que ela veio, ela não gostava do gato, mas tinha um gato que vivia no quarto dela. Ela acabou gostando dele.

Luiza: E a Sissi foi o único pet que ela teve?

Mag: Foi, a gente não tinha cachorro, a Sissi foi a única. Quando a gente morava na Alameda Barros, eu nem lembro como a Sissi chegou lá, mas era minha, não sei como é que foi. Engraçado, tem umas coisas que eu não lembro como é que foi. A Sissi era vira-lata com cara de vira-lata. Tem uma foto minha com ela em algum lugar, com esse cachorro, na sacada do apartamento, não sei se está aí, se tá aqui, eu precisaria olhar, mas é bem carinha de vira-lata.

Luiza: Eu não sei se tem alguma coisa mais que você lembre que seja... Os meus pais tinham falado que ela gostava de ouvir rádio todo dia.

Mag: Ouvir rádio, sim! E eu tava na casa da minha amiga agora lá com o Jean Marc, essa que essa que se mudou, e ela tem um radinho de pilha que tava ligado. Eu falei nossa, Monique, minha mãe andava com rádio no apartamento inteiro. Eu acho que ela tinha mais um, eu lembro do rádio no banheiro, na cozinha... Ela ouvia rádio o tempo todo. É isso mesmo, ela ouvia rádio o tempo todo... Tinha ventilador na casa inteira também, eu lembro

no Rio de Janeiro, tinha um ventilador em cada lugar. E muito arrumada, a casa dela sempre foi muito arrumadinha, muito em ordem tudo. Acho que é por isso que eu sou ordeira também, ela é muito ordeira.

Luiza: A minha mãe também tinha falado que ela gostava muito de se mudar, de mudança assim...

Mag: É verdade, ela mudou não sei quantas vezes. No Rio de Janeiro... Eu conheci um. Acho que o primeiro apartamento dela, pergunta pra sua mãe, mas se eu não me engano é o Milton Nascimento que morava no mesmo prédio. Pode ser que eu me engane com o Milton Nascimento e um outro da mesma época. Pergunta para sua mãe, mas eu acho que era o Milton Nascimento, na Barra. Teve um outro. Que era um apartamento bem grande, foi onde todo mundo ficou intoxicado com o risoto de camarão da prima, da irmã da Kátia, a Nádia. Nossa, teu pai foi parar no hospital. Menina, você não sabe dessa intoxicação? Virou piada na família. Ela ficou com a maior raiva, a Nádia, porque ficou todo mundo dizendo que ela queria matar a família. Ela fez um risoto de camarão que tava lindo, maravilhoso, só que ela andou com o risoto de camarão naquele calorão do Rio de Janeiro, foi no ano novo, né? E nós estávamos todos lá, a Anne tinha quatro, cinco anos, a Paula seis, tava o seu pai, tio Edinho também, Camila, e nós. Ah, e a Luciana com o seu avô. E comemos à noite e todo mundo começou a passar mal, fora Camila e Edinho que foram comer no McDonald's, escaparam, os dois não tiveram nada porque não queriam o risoto e foram comer no McDonald's. Teu pai foi o que ficou pior, teve que tomar soro no hospital, aí depois a Paula teve um pouquinho, a Anne um pouco, o Jean Marc e eu não tivemos praticamente nada, seu avô também não, Luciana também. Não sei como a gente escapou, mas parece que depende do lugar do prato que você pegou pode ter mais toxina ou menos, a gente ligou para o serviço, mas foi a irmã da Kátia que a gente disse que queria matar a família. [risos] Pergunta para o seu pai foi um ano novo... No Rio eu conheci três ou quatro apartamentos dela. Três eu tenho certeza, no Rio. Não, o último foi o quarto, então pelo menos quatro. Eu conheci quatro, pode ser que tenha algum que eu não tenha conhecido. E os quatro na Barra da Tijuca, todos, sendo que três foram antes de você nascer e o quarto foi já bem mais tarde quando ela foi para lá, deve ter sido em 2007 por aí, alguma coisa assim.

Luiza: Minha mãe não gosta de mudança. Quando pensa em mudança e já começa a ficar nervosa. E aí ela fala que ela devia ser mais que nem a vó Zezé, que gostava de mudar, que era uma coisa boa.

Mag: Pois é, mas é engraçado, ela era assim, minha mãe, não tinha muita coisa que ela não gostasse e mudança é um negócio muito estressante. Essa amiga nossa que mudou agora e tem 70 anos, ela contratou uma empresa que embalou tudo, ela não precisou embalar nada e no apartamento eles montaram os móveis, mas tá cheio de caixa de papelão com um monte de coisa. Me dá um desespero só de olhar, mas eu tô ajudando, eu tô abrindo e ela tá colocando no lugar. Mas ela disse: ai, eu nunca pensei que fosse tanto estresse. Eu acho que na escala do estresse, essas escalas que tem, eu acho que é mais ou menos como um divórcio, uma mudança... Principalmente quando você não muda há muito tempo, mas minha mãe mudava tanto que eu acho que ela já não ligava.

Luiza: Você lembra de músicas que ela gostava de ouvir, ou algum cantor...?

Mag: Músicas, sim. Ela gostava mais da velha guarda, eu sei porque eu gravei muito para ela quando ela tava em Itararé ou colocava o iPhone. Eu deixei um iPhone que eu não usava mais para ela, que ela chamava de caixinha. Mas é coisa muito antiga, né? Porque ela gostava do Nelson Gonçalves, Orlando Silva, é coisa que nem eu conheci, quer dizer, que já era velho para mim, né? E tinha um programa de rádio... Ah, mas esse aí eu não vou saber. Ela adorava e que eu acho que foi a pior coisa para ela quando ela foi para Itararé foi de não poder mais seguir esse programa de rádio, ela ouvia, mas muito mal porque não pegava em Itararé. Mas agora eu não me lembro, quem deve saber é a Adriana. E era tarde da noite porque ela dizia que tocava as músicas que ela gostava. Ela adorava música, música brasileira, música antiga... Uma que ela adorava: Três Apitos do... A Maria Bethânia gravou, a Gal Costa gravou... “Quando o apito da fábrica de tecido, vem furar o meu ouvido, eu me lembro de você...”, essas são as palavras. Outra, Carinhoso, que é conhecidíssimo até hoje: “Meu coração, não sei porquê, bate feliz, quando tevê”. O Carinhoso até hoje é muito conhecido porque todo mundo gravou, tem piano, tudo. Mas Três Apitos é mais antiga, Três Apitos eu não ouvi mais, não. Essa ela falava demais, nessa Três Apitos. Índia, a Gal Costa gravou, “Índia, aqueles teus cabelos nos ombros caídos...”. Mas eu sei que o Nelson Gonçalves tinha toda coleção lá em Itararé. Eu não lembro os outros, mas eram bem antigos. Fora isso, ela acompanhou a Bossa Nova, ela adorava o Chico Buarque... Ela gostava desses novos assim

mas não o que era chamado de Jovem Guarda, na época era o Iê-iê-iê, *Twist*, essas coisas não. Mas ela gostava de samba, ela gostava de música, sim.

Luiza: Você lembra de objetos, coisas que ela tinha que gostava..?

Mag: Que ela tinha em casa? Tinha uma Virgem Maria que deve estar com a sua mãe, eu acho, e meu pai que tinha dado para ela, Nossa Senhora de Nazaré, deve ser, que é do Pará. Tinha um carrinho que tava ainda na casa do seu avô, eu não sei quem levou o carrinho. Mas esse carrinho eu sempre vi, esse carrinho com ela. Um carrinho de serviço de apartamento assim, não é de cozinha, sua mãe conhece, sempre existiu na casa dela. Mas o mais era essa imagem de Nossa Senhora de Nazaré que meu pai tinha dado para ela. Se não eram as fotos, ela era mais apegada às fotos, né? Mas fala para a sua mãe do carrinho, sua mãe lembra. Pergunta para o seu pai onde foi parar o carrinho, foi nessa última vez que a gente teve lá que alguém foi embora com esse carrinho, não ficou com Adriana, não. Não sei se foi a Camila que levou.

Luiza: Você sabe porque escolheram o seu nome Magnólia?

Mag: Ela adorava a flor magnólia, coisa muito estranha, porque não tem, né? Não sei se agora tem no Brasil, magnólia. Magnólia é flor de clima frio. Tem muito nos Estados Unidos, tem muita rua nos Estados Unidos que chama Magnólia, tem tudo quanto é lugar, e no Brasil eu não sei se hoje em dia tem, porque tem plantação que agora é adaptada. Mas ela nunca tinha visto uma Magnólia antes de vir para cá. E ela gostava... o livro chama *Vitória Régia*, né? Então tinha um amigo do meu pai que, é engraçado, dele eu lembro como uma pessoa que eu gostava muito e que morreu quando era criança, e eu dizia que eu não gostava do meu nome, ele dizia: você ainda teve sorte, eles queriam te chamar de *Vitória Régia*. Mas ela adorava a flor sem nunca ter visto. E aqui todo mundo quando eu digo... porque você liga para os lugares e pedem o seu sobrenome, você diz o sobrenome, o seu nome e quando eu digo falam: “ah, que nome lindo! *oh, c'est jolie*, eu nunca ouvi”. Mas aí no Brasil eu detestava. Quem me falou outro dia que eu não sabia, ou não lembro? A Camila me disse... a gente descobriu agora que o seu avô morreu, que ele só foi registrado com 12 anos. Eu sabia que registraram no dia errado porque nos documentos dele tá 12 de novembro. E ele nasceu dia 7, então eu sabia, mas não sabia que ele só foi registrado muito tarde com 12 anos, imagine só, mas parece que só descobriram agora, o seu pai descobriu agora. Eu não sabia.

Mas é só o nome do meu pai. Não sei, acho estranho também ele ter sido registrado só com 12 anos e eu... Sabe que eu nunca olhei na minha certidão de nascimento, eu devia olhar pra ver, vai ver que eu também fui registrada mais tarde, não sei. Na certidão de nascimento tá o dia que foi registrado. Deve estar, em tal dia do dia não sei o quê, foi registrada, como um casamento, né? Vou dar uma olhada nos meus papéis.

Luiza: Deixa eu ver mais alguma coisa... minha mãe também falou que ela tirava tarô.

Mag: Ela brincava com com carta, né? Eu não sei, chama tarô isso? Não sei, minha mãe tinha muita superstição e é coisa bem do Norte, né? Sei que tem em outros lugares, mas pelo menos quando ela falava, era mais tendência o pessoal do Norte ser mais supersticioso. E ela gostava desse negócio de carta, tudo. E isso também quando eu era mais jovem era uma coisa que me irritava porque eu não sou supersticiosa, não tenho nenhum tipo de crença desse tipo, mas depois, mais tarde, não, eu dava risada, sabe? Ela tirava no fim do ano, colocava papelzinho dentro do copo com água e tinha um papelzinho que subia. E aí queria dizer alguma coisa... Mas ela ria com isso, comigo, porque ela fazia com Adriana, a que cuidava dela e dizia: “vamos tirar sorte, vem cá, não pode falar para a Mag [ela falava na minha frente], ela não acredita...”. E ela com carta assim... mas eu não sei se ela acreditava não, viu? Ela fazia tudo meio dando risada assim. Agora que ela era católica, acreditava em Deus, isso ela levava a sério. Mas se não acho que era mais brincadeira essas coisas assim. Mas isso que eu estou dizendo, a sua mãe lembra de muito mais coisas do que eu.

Luiza: Os meus pais falavam que eles iam em baile com ela, em festa assim do Clube...

Mag: Ah, pode ser, mas isso já não morava aí, né?

Luiza: Acho que não, eles já eram adultos, acho.

Mag: Eles se conheceram quando o seu pai era bem jovem, os dois eram bem jovens.

Luiza: Eles se conheceram no ensino médio, eles tinham 18.

Mag: 18, ele nasceu em 1973, né?

Luiza: Em 1972.

Mag: 1972, é. Com 20 [anos], 1992. Quer dizer, em 1990 que eles se conheceram.

Luiza: Acho que sim.

Mag: Então você imagine, eu vim para cá em 1978, quer dizer, a época que eles iam baile com ela, tudo isso, eu já morava aqui, né? Nossa, eu tinha a impressão que eu sempre conheci a sua mãe, mas não. E essa época... Eles já estavam separados, o teu avô e a... não. Sim! Já estavam. Eles se separaram o teu pai era adolescente, é, eles já estavam separados quando ele conheceu a sua mãe. O teu avô e a vó Ivete já estavam separados. Porque a Camila era pequenininha, tem foto da Luciana com a Camila e a Camila tinha, sei lá, quatro, cinco anos. Eles estavam separados já. Então essa do baile, isso eu não segui, eu já estava aqui.

Luiza: Mas você sabe se ela gostava de sair para dançar...?

Mag: Ela adorava sair, ela adorava dançar, nos 80 anos dela... Que idade você tinha? Ela fez 80, ela nasceu em 1923...

Luiza: Em 2003, eu tinha 3.

Mag: E a única coisa que ela queria era uma festa para dançar e foi ali no... existia na época o Clube Piratininga e era ali na Alameda Barros.

Luiza: E aí a festa foi lá?

Mag: Foi lá. E ela tinha uns amigos que ficaram lá e dançaram, imagina com 80 anos, e ela dançou lá com eles, mas eu acho que eu fui embora mais cedo, não lembro. É engraçado a gente pega umas coisas da mãe, né? Eu quando fiz 70, a única coisa que eu queria era uma festona para poder dançar. E a gente fez aqui num restaurante que fechou só para fazer com DJ brasileiro assim super legal um DJ que só faz com vinil, foi um carnaval que eu vou te contar, 50 pessoas, foi em 2019. Falei para o Jean Marc, é tudo que eu quero, não quero presente nenhum, mas eu quero isso. Caro, né, uma festa assim, mas foi... E puxa, peguei da minha mãe esse negócio. Agora com 80 não sei se vai dar para fazer assim, mas quem sabe.

Pena que o Jean Marc não é assim porque ele vai fazer 80 agora em janeiro. Eu bem que eu queria uma outra festa, mas eu não posso fazer uma festa porque vai ser pra mim, não vai ser para ele, ele não é de dançar, coitado. Mas uso como desculpa pra gente ir para o Brasil ano que vem dizendo que tem muito isso, festejar o aniversário assim importante. E aqui eu também fiz uma festa, eu fiz duas grandes festas assim, com 50 num restaurante aqui em Versoix também com música, e com 70... Então tem mais alguma coisa?

Luiza: Não, eu acabei com as minhas perguntas, mas se você lembrar de alguma coisa, tiver uma lembrança, pode me mandar, se você quiser mandar um áudio também, tudo bem.

Mag: Ah, mando sim.

Luiza: Obrigada por conversar comigo, foi muito bom.

Mag: Foi tão bom te ver, manda um beijo grande para sua mãe, para o seu pai. Beijo grande para você.

Luiza: Beijo para você também, tchau.